



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

“O certo é o certo”:

Sentido e valoração da palavra *certo* em enunciados da
Série Irmandade (Netflix)

Mestranda: Nessana de O. Pereira

Orientadora: Karina Giacomelli

Pelotas, janeiro de 2022.

Nessana de Oliveira Pereira

“O certo é o certo”:

Sentido e valoração da palavra *certo* em enunciados da
Série Irmandade (Netflix)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora Prof.^a Dr^a Karina Giacomelli

Pelotas, 2022.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

P436c Pereira, Nessana de Oliveira

O certo é o certo : o sentido e a valorização da palavra certo na série Irmandade (Netflix) / Nessana de Oliveira Pereira ; Karina Giacomelli, orientadora. — Pelotas, 2022.
84 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Análise dialógica. 2. Palavra. 3. Sentido. 4. Irmandade. 5. Certo. I. Giacomelli, Karina, orient. II. Título.

CDD : 808.0014

Elaborada por Aline Herbstrith Batista CRB: 10/1737

Nessana de Oliveira Pereira

“O certo é o certo”: sentido e valoração da palavra certo em enunciados da série Irmandade

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:

Banca examinadora:

Prof. Dr^a Karina Giacomelli (Orientador)

Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria.

Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral

Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Prof. Dr^a Ida Maria Marins

Doutora em Letras pela Universidade Católica de Pelotas.

**Dedico este trabalho àqueles que estão à margem da sociedade,
cuja voz é obliterada pela classe dominante.**

Agradecimentos

É impossível trilhar qualquer caminho de sucesso sozinha, por isso é preciso dedicar algumas linhas desse trabalho para agradecer. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todas as mulheres pretas que vieram antes de mim: minha mãe, minhas avós, minhas bisavós, tataravós e todas as outras que pouco sei o nome e nem pude conhecer em razão do tempo, mas que estou certa de que tudo o que me compõe, principalmente a força, é a soma de cada uma de vocês. A vontade e a determinação de prosseguir com esse trabalho foi, em grande parte, por vocês, as quais que viveram (e vivem) em um sistema machista e altamente racista foram impedidas de terem acesso à educação, ou que talvez foram convencidas de que determinados lugares, principalmente os espaços de saber e poder, não eram para vocês. Por isso, meu primeiro agradecimento vai a todas as mulheres pretas de minha descendência.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Márcia e Idelgir, que desde a minha infância incentivaram e mostraram que o caminho dos estudos e do saber é a melhor solução para a liberdade da ignorância e o caminho de possibilidades para transformar, sempre para melhor, a nossa realidade. Juntamente, agradeço à Lessandra, minha irmã, que apesar de ser mais nova que eu, foi importante para demonstrar a mim que o esforço propicia que alcancemos nossos objetivos.

Além disso, gostaria de fazer um agradecimento ao Lawrence (*in memoriam*) que, infelizmente, não poderá comemorar a finalização dessa etapa comigo, mas sei que do lugar onde está estará vibrando e feliz pela minha conquista, a qual tanto ele incentivou, apoiou e me acompanhou por noites, quando eu corria para cumprir alguns prazos de entregas durante o curso de Mestrado.

Dirijo também meu agradecimento à Karina Giacomelli, professora que desde quando a conheci, na metade do curso de Letras, mostrou a mim e a tantos colegas não só como deveria ser a trilha até a pós-graduação, como também mostrou que temos a capacidade de fazer pesquisa. Mais que isso, a professora Karina inspirou a vontade de ser um bom professor, de assumir um compromisso com a educação e a ciência com responsabilidade e competência.

Meus agradecimentos à banca, compostas pelos professores Adail Sobral, Cleide Wittke e a professora Ida Marins por terem aceitado fazer parte da construção dessa pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Pelotas, lugar que me acolheu nesses seis anos – graduação e mestrado. Junto disso, dirijo-me ao Programa de Pós-graduação em Letras pela oportunidade.

Por fim, agradeço a todas e a todos que torcem por mim e estão felizes por mais essa conquista realizada!

RESUMO

PEREIRA, Nessana. **O certo é o certo**: o sentido e a valoração da palavra certo em enunciados da série Irmandade (Netflix). 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de pós-graduação em Letras, Centro de Letras e comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2022

No presente trabalho, propomos a realização da análise do sentido e a valoração da palavra *certo* em enunciados da série Irmandade. A série, uma produção brasileira e original da Netflix, mostra a história de três personagens – Edinho, Cristina e Almeida – os quais, respectivamente, desempenham os papéis de presidiário, advogada e investigador policial e mostram a sua visão do que é o *certo* a partir de suas vivências e no contexto do sistema prisional. Dessa forma, nos interessou a utilização da palavra em estudo a partir desses personagens e os sentidos e valorações que foram atribuídas a ela a depender do sujeito, contexto e participantes quando no ato da enunciação. Assim, buscamos suporte nos pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin e seus pesquisadores. Quanto à análise, ela foi pautada a partir de um modelo proposto por Sobral (2009), que consiste na descrição, análise e interpretação do objeto em estudo. Os resultados obtidos nos mostraram *certo* com os sentidos *de dúvida, traição e luta pelos direitos* – valorações essas que se diferenciam a depender do contexto do enunciado (sujeitos envolvidos, seus papéis sociais) e de suas interações.

Palavras-chave: análise dialógica; palavra; sentido; irmandade; certo.

RESUMEN

PEREIRA, Nessana. **Correto es correcto**: el significado y la valoración de palabra correcto en declaraciones de la serie Irmandade (Netflix). 84 h. Disertación (Maestría em Letras_ - Programa de posgrado en Letras, Centro de Letras y comunicación, Universidad Federal de Pelotas, 2022.

En el presente trabajo nos proponemos realizar el análisis del significado y valoración de la palabra correcto en enunciados de la serie Irmandade. La serie, una producción brasileña y original de Netflix, muestra la historia de tres personajes - Edinho, Cristina y Almeida - quienes, respectivamente, interpretan las ocupaciones de preso, abogado e investigador policial y muestran su visión de lo que es correcto desde su experiencias dentro del sistema penitenciario. Así, nos importou el uso de la palabra en estudio a partir de estos personajes y los significados y valoraciones que se le atribuyen, según el sujeto, el contexto y los participantes en el acto de enunciación. Por lo tanto, buscamos apoyo en los supuestos teóricos y metodológicos desarrollados por el Círculo de Bajtín y sus investigadores. En cuanto al análisis, se basó en un modelo propuesto por Sobral (2009), que consiste en la descripción, análisis e interpretación del objeto en estudio. Los resultados obtenidos nos mostraron *correcto* con los sentidos de *duda*, *traición* y *lucha por los derechos* - valoraciones que difieren según el contexto del enunciado (sujetos involucrados, sus roles sociales) y sus interacciones.

Palabras clave: analisis dialógica; palabra; sentido; Irmandade; correcto.

Sumário

1. A VALORAÇÃO E O SENTIDO DA PALAVRA CERTO NA SÉRIE IRMANDADE: INTRODUÇÃO GERAL.....	8
1.2 Para início de conversa: Por que a proposta de tratar o sentido e a valoração de <i>certo</i>?.....	13
1.3 O sistema punitivo ao longo da história: um breve panorama histórico	17
1.4 Crime organizado no Brasil: o retrato do descaso do estado, descaso da sociedade.....	25
2. O CÍRCULO DE BAKHTIN: ALGUMAS NOÇÕES IMPORTANTES	28
2.1 Da significação ao sentido do enunciado: do extra verbal às formas linguísticas.....	37
2.2 Palavra em Bakhtin: o signo ideológico por excelência.....	40
2.3 DA PALAVRA PARA O ENUNCIADO: METODOLOGIA E ANÁLISE	44
2.3.1 Da Netflix até a série Irmandade: um passo antes da análise	48
2.4 “O certo é o certo”: Descrição-análise e interpretação	52
PRIMEIRO EPISÓDIO: O CERTO É O CERTO	53
SEGUNDO EPISÓDIO DA SÉRIE: PODE CONFIAR.....	60
TERCEIRO EPISÓDIO: TRIBUNAL DO CRIME	63
OITAVO EPISÓDIO: Palavra num faz curva	67
3. “PALAVRA (NUM) FAZ CURVA”? CAMINHOS PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	70

1. A VALORAÇÃO E O SENTIDO DA PALAVRA *CERTO* NA SÉRIE *IRMANDADE*: INTRODUÇÃO GERAL

Nos últimos anos, cada vez mais observamos que as plataformas streaming vêm ganhando espaço nos momentos de lazer, pois oferecem um vasto catálogo de filmes e séries que podem ser assistidos a qualquer momento e à escolha do assinante. A principal característica desses tipos de plataforma são serviços mais baratos se comparados ao serviço de assinatura de TV a cabo, por exemplo, mas elas também oferecem flexibilidade de horário e seleção de conteúdo, visto que é o assinante quem escolhe quais séries e filmes verá, bem como o dia, horário e frequência. Além disso, ele pode pausar, reiniciar, avançar, retroceder quantas vezes quiser o programa que está assistindo. Hoje, no Brasil, há várias prestadoras destes serviços, como a Globo Play, Telecine Play, Amazon Prime Vídeo e Netflix.

A Netflix, plataforma que disponibiliza a série *Irmandade*, tem grande popularidade nesse segmento desde a sua entrada no mercado de plataformas *streaming* em 2007. A título de curiosidade, traz-se a informação de que a referida plataforma existe desde o ano de 1994, quando oferecia serviços de locação de fita-cassete por correspondência, segundo dados do site El País¹.

A praticidade e o baixo custo, se comparado aos serviços de TV por assinatura, atraíram consumidores jovens e de classes sociais mais baixas, de menor poder aquisitivo. É o que comprova a pesquisa realizada por Renato Meirelles², presidente do Instituto Locomotiva, em 2018: 49% dos assinantes da Netflix têm até 29 anos, 40% têm de 30 a 49 anos. Além disso, a mesma pesquisa aponta que a classe C representa 56% dos assinantes, ao passo que as classes AB representam 20% e as classes D e E, 24%.

1 Netflix nació hace 20 años porque a sus fundadores les dio pereza devolver 'Apolo 13' ao videoclub. **El país**, 14 mar 2018. Verne. Disponível em: https://verne.elpais.com/verne/2018/02/28/articulo/1519808873_165715.html. Acesso em: 14 jan. 2021.

2 Consumidor da Netflix é mais jovem, mas mais pobre que assinante de TV paga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 ago 2018. Telepadi. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/espectador-da-netflix-e-mais-jovem-mas-mais-pobre-que-assinante-de-tv-paga-aponta-estudo/>. Acesso em 20 out 2020.

Essa plataforma disponibiliza uma série de produtos audiovisuais, como filmes, série, documentários, shows, programas infantis etc., que tratam de diferentes assuntos e com diversas categorias: drama, comédia, ação, terror entre outros. Por meio das produções de séries e filmes, é possível identificar a reflexão sobre variados temas que circulam na sociedade, pois essas obras, desde o surgimento do cinema, no final do século XIX, tratam de assuntos que tocam o meio social, em uma visão mais ou menos ficcional da realidade.

Nesse contexto, *Irmandade*, a série em que se encontra o objeto da presente pesquisa, mostra a realidade do sistema prisional no Brasil. A obra foi lançada na plataforma Netflix, em outubro de 2019, com uma temporada constituída de oito episódios. Trata-se de uma das várias produções originais da plataforma.

A série é ambientada no ano de 1994, na cidade de São Paulo, e se passa, basicamente, no presídio fictício Coronel Roberto Tibiriçá, lugar central para a constituição das personagens, e onde é formada a facção Irmandade. O enredo da série gira em torno da história de Edinho (personagem interpretada por Seu Jorge), que foi preso quando jovem depois que sua irmã Cristina (Naruna Costa), a qual, na época desse acontecimento, tinha 10 anos, encontrou pacotes de maconha na casa em que moravam e os levou ao pai, que denunciou o filho à polícia. Durante a fuga de Edson, Cristina testemunha ele sendo espancado pelos policiais no momento da sua detenção.

O pai de Cris e Edinho, quando referido na série, aparece afirmando, muitas vezes, que o “certo é o certo” ou “sempre tem que fazer o certo”. É a sua concepção de que é necessário fazer o que é *certo* que explica o fato de ele ter denunciado seu próprio filho à polícia. Vinte anos mais tarde, como mostra a série, Edson ainda se encontra no presídio em regime fechado. Por outro lado, Cristina torna-se advogada do Ministério Público de São Paulo.

É importante ressaltar que desde a prisão do líder da Irmandade, Cristina e Marcel (Wesley Guimarães), irmão mais novo de Cris e Edinho, não mantiveram contato com o primogênito. São os ofícios da profissão de Cristina que a aproxima, novamente, de Edinho, pois, em um dia de trabalho normal, a juíza do Ministério Público pede a ela que entregue um processo, cujo conteúdo diz respeito a Edson, a outro colega de profissão porque o julgamento do réu está marcado para o próximo dia. Vendo que o documento se refere ao irmão,

Cristina, às escondidas, faz uma cópia dele de maneira que se torna a par da situação de Edson perante a justiça.

Fica ciente, então, de que ele, ao longo de vinte anos em regime fechado, acumulou outras condenações por crimes ordenados de dentro do presídio como, por exemplo, o assassinato de policiais na fuga de seu sócio na facção, o Carniça (Pedro Wagner), e a organização de assaltos a carro-forte. Mas descobre também que seu irmão está sendo torturado no presídio, fato que a comove e a leva a tentar, a partir da sua função no Ministério Público, garantir o direito de proteção do Estado a Edinho, sujeito preso.

Sem sucesso, a funcionária pública falsifica a assinatura da juíza, o que acarreta seu afastamento do cargo. Ela encontra, ainda, Almeida, investigador da polícia civil que se utiliza de métodos duvidosos na condução de sua investigação. Nesse ponto da obra, a personagem se sente confrontada pela sua visão do que é o *certo*, pois se depara com as seguintes questões: por um lado, o irmão presidiário sendo torturado quando deveria ter sua integridade física assegurada por estar sob custódia do Estado; por outro, consequentemente, o Estado, que negligencia a proteção de um preso; nesse caso, inclusive, por questões políticas³ envolvidas e não porque há uma lei que proíba violência ou tortura contra qualquer ser humano.

A série se destaca pelas várias questões que toca, como a violência física e a tortura de presidiários, a atuação do sistema judiciário, a formação de facções e também os diferentes caminhos que pessoas de um mesmo lugar podem seguir. Entretanto, o ponto que, particularmente, nos chama a atenção é a questão do uso da palavra *certo*, referida várias vezes por diversos personagens. No dicionário Michaelis, encontramos o seguinte significado para certo: “(*latcertu*) *adj.* **1.** Verdadeiro. **2** Que não tem erro. **3** Que sabe bem; convencido, inteirado. **4** Exato, preciso. *pron indef.* Qualquer, algum, um (antes do substantivo): Certa distância; certo lugar; certo dia. *Sm* Coisa certa. *adv* Certamente, com certeza. Antôn: duvidoso”.

³ Tal afirmação refere-se a uma das cenas do primeiro episódio em que a juíza do Ministério Público diz para Cristina que ajudar ela no caso de Edinho, que estava sendo torturado, não seria possível e entre as razões dadas a magistrada mencionava questões políticas envolvidas no caso.

No entanto, se a palavra *certo* tem as suas significações elencadas em dicionário, segundo a teoria que será utilizada nesta pesquisa, o dialogismo do Círculo de Bakhtin, seu sentido depende de quem são os interlocutores que enunciam a palavra, para quem eles a estão enunciando e em qual situação específica o enunciado está sendo dito.

O sujeito, ou, no caso, a personagem faz uso da palavra com sentidos diferentes, de acordo com a sua vivência, posição social e o contexto em que circula. Assim, cada palavra reflete e refrata uma visão de mundo, que é relacional, ou seja, mostra essa realidade ao mesmo tempo em que a constrói.

Nesse sentido, a questão da palavra *certo*, quando utilizada na série, apresenta diferentes valorações a depender da visão de mundo do sujeito que faz uso dela em seu enunciado, refletindo uma posição ideológica, proveniente do lugar que ocupa na sociedade e as relações de que é parte.

Na série são quatro sujeitos - o pai (de Edinho e Cristina), Edinho, Cristina e Almeida - ocupando diferentes posições sociais que utilizam *certo* em seus enunciados. É preciso afirmar que serão analisados no trabalho apenas os enunciados dos últimos três personagens.

Considerando que a palavra tem caráter de produto ideológico vivo, que funciona em qualquer situação social e que é através dela que os sujeitos revelam seu ponto de vista em relação aos valores sociais (STELLA, 2008), a presente pesquisa trata da palavra *certo* quando utilizada por esses diferentes sujeitos, considerando o contexto social em que estão inseridos, bem como a historicidade inscrita em suas práticas. Assim, o que se pretende é verificar como cada um desses sujeitos valora a palavra *certo* nas várias ocorrências, e o que essa valoração revela sobre seu posicionamento ideológico, situado social e historicamente. Dessa maneira, a pesquisa é norteadas pelas seguintes questões:

Qual o sentido de *certo* nos enunciados de Edinho, Cristina e Andrade?

O que esses personagens consideram como *certo*?

O que essa valoração revela de sua posição social em relação às questões tratadas na série, especialmente no que se refere à esfera prisional?

Para buscar resposta às questões norteadoras, a fundamentação teórica do estudo estará orientada pela teoria do Círculo de Bakhtin, pois, nessa teoria, é adotada a posição de que a linguagem é social, que os sujeitos enunciam a

partir de seu horizonte social mais próximo, e que todos os enunciados mantêm uma relação dialógica com outros enunciados (VOLÓCHINOV, 2017). Assim, os enunciados são formados na interação entre sujeitos, e é nesse processo interativo que eles moldam sua valoração (SOBRAL, 2009).

A série *Irmandade* (Netflix) foi escolhida como corpus pesquisa pelo motivo de mostrar o uso da palavra *certo* e, assim, proporcionar ao trabalho um debate sobre ela na esfera prisional no contexto da realidade brasileira. Em virtude disso, no âmbito da análise enunciativo-discursiva, mais precisamente a Análise Dialógica do Discurso, escolhemos os enunciados ditos pelas personagens Edinho, Cristina e Almeida, as quais desempenham papéis sociais distintos dentro desse campo de atividade – o primeiro, presidiário cuja posição é marginalizada e discriminada na sociedade brasileira; o segundo, Cristina ocupando a posição de advogada do Ministério Público, privilegiada socialmente; o terceiro é a posição de investigador policial, a qual representa certa autoridade como membro da Polícia Civil.

No Círculo de Bakhtin, sabe-se que o enunciado é um importante objeto de análise; isso se justifica pelo fato de que nessa teoria parte-se do enunciado concreto, pois é nele que a palavra toma sentido para além da sua forma linguística, manifestando seus valores ideológicos contraditórios, tendo seu sentido confirmado pelo contexto em que ocorre, “carregando os valores culturais que expressam as diferenças de opiniões e contradição de ideias numa sociedade, por isso um fenômeno ideológico” (ÁVILA; GIACOMELLI, 2017, p.102). Assim, palavra e enunciado são unidades inseparáveis no estudo do sentido e da valoração. De acordo com Bakhtin (2016), cada campo da atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, isto é, seus gêneros do discurso. Logo, os enunciados são a real unidade da comunicação discursiva e, por isso, são um importante objeto de análise enunciativa no campo teórico a que a pesquisa está filiada.

Por outro lado, é possível notar que Bakhtin e o Círculo não evidenciaram uma metodologia própria de análise, mas deixaram caminhos que devem ser trilhados na investigação dos enunciados, pois, conforme Volóchinov (2017):

A língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017 [grifos do autor], p. 220)

Tendo em vista essas considerações, a metodologia que será utilizada para a análise do corpus é a de *descrição-análise-interpretação* apresentada por Sobral (2008), cuja proposta não só considera os pressupostos levantados pela teoria, como também propõe três etapas para tratamento do corpus: descrição, análise e interpretação. A *descrição* é o momento em que o pesquisador apresenta a materialidade do texto em que está trabalhando; na *análise*, ele verifica a organização dessa materialidade textual; e, por último, na *interpretação*, são reunidos os dados obtidos nas etapas anteriores do ponto de vista do contexto da enunciação e da materialidade do texto.

Na qualificação do trabalho apresentamos a análise de um enunciado para cada um dos personagens, entretanto, nessa etapa final, não foi possível definir uma quantidade de enunciados novamente porque foi preciso fazer um recorte a partir de ocorrências de *certo* quando a palavra foi usada com o objetivo de revelar a valoração do sujeito em determinado contexto. Assim, os enunciados serão agrupados por episódio e não mais por personagem pelo motivo exposto anteriormente.

1.2 Para início de conversa: Por que a proposta de tratar o sentido e a valoração de *certo*?

O uso da palavra *certo* na série Irmandade possibilita compreender as implicações a partir de vários pontos de vista diferentes. Tal afirmação se justifica porque a fluidez dos acontecimentos na vida cotidiana é constante e atravessada por vários temas, os quais vão da vida do sujeito até a vida no coletivo em escala global.

As produções ficcionais possibilitam a notoriedade e até proximidade com as realidades existentes tanto em nosso país, quanto no mundo, pois conforme afirma Jaguaribe (2010)

As narrativas e imagens realistas mostram, muitas vezes, uma realidade suja, sórdida, violenta e desesperançada, uma realidade

pouco palatável que, entretanto, é legível. Para leitores e espectadores alheios aos discursos acadêmicos ou especializados, estes retratos vividos do desmanche social oferecem ponteiros interpretativos porque o realismo estético acionado é carregado de verossimilhança e intensidade ficcional. Enquanto nossa experiência do cotidiano é dispersiva, amorfa e pontuada por interrupções e manifestações alheatórias, as estéticas do realismo são dirigidas; elas têm ação intensificadora porque oferecem uma moldura interpretativa que torna a ficção mais convincente do que a vivência multifacetada cotidiana (JAGUARIBE, 2010, p. 09).

Ao mostrar sujeitos diferentes valorando a mesma forma linguística, a presente pesquisa possibilita, no desenvolvimento científico do trabalho, a reflexão em torno de um suposto discurso neutro, corroborando na defesa da ideia de que a sociedade é plural, na qual coabitam discursos heterogêneos, cuja convivência harmônica entre eles é necessária. Em relação a isso, Hoff (2020) aponta que “em um momento político de extremismos e polarizações discursivas midiáticas, com nuances de surrealismo na vida cotidiana dos brasileiros, as ficções seriadas apontam para realidades possíveis, plausíveis, credíveis” (HOFF, 2020, p.12).

A “moldura interpretativa”, mencionada por Jaguaribe (2010) e oferecida pela obra, possibilita a análise dos discursos que surgem e ecoam a depender do lugar, posição social e contexto em que estão situados os sujeitos. Outrossim, a crença em um único discurso que transparece a realidade é perigosa para a manutenção e revitalização das democracias porque propicia a efervescência de discursos autoritários. Além disso, como aponta Mussalin (2008), a crença na neutralidade do discurso negligencia as condições sócio-históricas e ideológicas na produção dos discursos.

A crença em um discurso único não está restrita apenas à questão política. O trabalho com a valoração no âmbito da esfera prisional, e moral, permite refletir sobre o que o senso comum costuma atribuir como o *certo* e o errado a partir de uma visão hegemônica sobre a realidade - ponto de vista este influenciado pelo discurso dominante, cujas atribuições são apagar ou ocultar a luta de classes e outras avaliações no signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017).

Pensar o *certo* nessa esfera de atividade é acreditar que existe apenas um ideal, que se limita às ações previstas em leis, às sentenças dadas por um juiz, o trabalho da polícia e de outros órgãos responsáveis por fiscalizar e fazer

valer as leis, sem, muitas vezes, levantar questionamentos sobre essas ações, ponderando que não existe realidade una.

Nessa direção, a série *Irmadade* possibilita pensar sobre esse modo de significar a realidade, debatendo algumas questões, tais como: *será que existe apenas uma visão de certo? Quem dita o que é o certo nas sociedades?* Movendo-se por esses questionamentos, e considerando a realidade inserida, é possível ter uma visão mais crítica sobre isso, o que pode levar a divergências, quando se confrontam discursos que tendem a “neutralizar” diferentes posições ideológicas.

Sendo a prisão o palco principal para o debate sobre *certo*, visto que é nesse espaço onde estão sujeitos julgados ou em julgamento por uma autoridade, o juiz, é impossível não tocar no assunto de como o presídio está alocado na sociedade, principalmente quanto à relação social que é estabelecida com esse lugar, pois é nele que recaem, substancialmente, as *noções de certo e errado* adotadas numa sociedade organizada. Habitualmente, é lançado um olhar marginalizador para esse espaço; e, um dos argumentos que sustentam essa afirmação, está no fato de que há anos são denunciadas as más condições dos presídios, e muito pouco ou quase nada é feito em prol da solução dos problemas. Como exemplo dessas condições está o apontamento de Pinheiro (2017), que cita a superlotação, a violência e o abuso sexual entre os presidiários.

A posição marginalizada dos detentos leva a que sua voz social seja apagada da sociedade, fazendo ecoar a voz de posições sociais mais privilegiadas como a do Direito (juízes, promotores, advogados) e de quem faz com que as leis sejam cumpridas (policiais, agentes penitenciários). Assim, a classe dos sujeitos encarcerados está mais apagada, à margem das discussões travadas. Consoante a isso, as considerações de Mussalin (2008) assim como a relação estabelecida com a proposta de Jaguaribe apontadas acima, a respeito da moldura interpretativa, dialogam com a teoria do círculo de Bakhtin, na consideração de que

A formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social, e, por sua vez, essa formação, compreendida como um conjunto de tudo que possui significação ou importância para o grupo, é determinada inteiramente pela ampliação da base econômica”. (VOLÓCHINOV, 2017, p.237)

Portanto, não só há a oportunidade de pensar sobre essa posição marginalizada, como também é possível desconstruir a forma como se enxerga o que é o *certo*. Revisitar e refletir a visão sobre essa noção pode levar a notar que essa questão não é objetiva, mas sim complexa e subjetiva, o que pode conduzir a uma visão mais ampla a respeito da realidade vivida no sistema da justiça.

Sendo a posição social dos sujeitos um dos elementos na condução deste estudo, é necessário apontar para uma discussão que vem ganhando mais atenção na área das humanidades: o ideológico nos discursos. Atualmente, no Brasil, em discussões políticas, vem surgindo a ideia equivocada de que a ideologia é um fenômeno estritamente relacionado à esquerda política. Como exemplo disso está a questão sobre a “ideologia de gênero”, que se mostra como uma posição de setores conservadores da sociedade contra o debate relacionado às pautas sobre gêneros na escola. A questão do gênero trata de um conceito que considera as características do sujeito para além do feminino e masculino como conceitos biológicos, tratando como construções sociais e com categorias diversas de gênero. Diferente das concepções evidenciadas por esses grupos políticos mais conservadores, é considerável reafirmar que a ideologia está presente em qualquer ato de interação entre indivíduos socialmente organizados.

Especificamente na área de Letras, a abordagem para o sentido da palavra auxilia na compreensão dos enunciados, pois não há ruptura entre língua e conteúdo ideológico, fato que Volóchinov (2017) aponta como um dos erros mais graves do objetivismo abstrato, ao se referir à teoria de Saussure. Dessa forma, a língua não pode ser vista apenas como um fenômeno puramente linguístico, pois a compreensão dos enunciados pelos sujeitos só é possível porque os signos são partilhados em um meio social organizado. Ao mesmo tempo, compreende-se que é por meio da linguagem que se organiza a vivência, e não o contrário.

Analisar a valoração da palavra *certo* a partir da série *Irmandade* vai possibilitar que se atente para os vários sentidos que a palavra assume a partir do seu contexto, situações de uso inscritas em práticas sociais e históricas. Desse modo, para esclarecer melhor como se dará a discussão sobre o sentido

(que implica valoração) dessa palavra na série, é importante determinar o contexto social e histórico em que se inscreve a obra; por isso, o trabalho a seguir se organizará da seguinte forma: no capítulo 1.3, “O sistema punitivo ao longo da história: um breve panorama histórico”, iremos tratar as principais formas de punição que foram utilizadas ao longo da história da humanidade e, no capítulo 1.4, intitulado “Crime organizado no Brasil: o retrato do descaso do Estado, descaso da sociedade”, trataremos a questão do contexto de surgimento das facções no país.

Os capítulos subsequentes trarão questões teóricas e metodológicas necessárias para a pesquisa – no capítulo 2, “Círculo de Bakhtin: algumas noções importantes, será abordado os conceitos importantes dessa teoria para a discussão proposta neste trabalho. Isso seguirá na seção 2.1, “Da significação ao sentido do enunciado: do extra verbal às formas linguísticas em que se discorreremos sobre a significação e o sentido na teoria bakhtiniana, e em 2.2, “Palavra em Bakhtin: o signo ideológico por excelência”, se abordará a questão da palavra do ponto de vista dialógico da linguagem. Por fim, o capítulo 2.3, “Da palavra para o enunciado: metodologia e análise”, tratará da metodologia escolhida para o tratamento do objeto, seguida pela análise dos enunciados extraídos da série.

Em conclusão, o estudo da valoração de *certo* vem em momento oportuno para refletir não só apenas sobre o sentido da palavra em estudo, mas também mobiliza para refletir sobre outros enunciados e palavras já ditos prontos que, como veremos, os sentidos e valorações dependem de um contexto e não são fixos.

1.3 O sistema punitivo ao longo da história: um breve panorama histórico

No presente capítulo serão tratados brevemente alguns sistemas punitivos que marcaram a história. Dado os objetivos propostos no trabalho, é necessário um conciso panorama histórico sobre eles, partindo da Antiguidade até os moldes conhecidos atualmente.

Um dos mais antigos relatos está na Bíblia, onde há o relato do assassinato de Abel, crime cometido pelo seu irmão Caim (Gêneses, capítulo 4, versículo 8). Com a organização das sociedades, sistemas de punição foram se

estabelecendo ao longo do tempo. De acordo com Chiaverini (2009), os povos primitivos foram os primeiros a estabelecer formas de punição para quem cometesse algum crime; além disso, nessas sociedades primitivas, bens jurídicos não eram tutelados, “mas relações hipotéticas tidas como verdadeiras e baseadas em totens e tabus” (CHIAVERINI, idem, p.01).

Um dos primeiros escritos de que se tem conhecimento sobre formas de punição em sociedades organizadas, foi a Lei de Talião, cujos códigos foram adotados na Babilônia, na Lei das Tábuas, e no capítulo Êxodo, na Bíblia. De acordo com Chiaverini (Idem, p. 03),

Com a evolução social e diante da necessidade de evitar a dizimação das tribos com as vinganças coletivas, surgiu o talião, que limita a reação à ofensa a um mal idêntico ao praticado (sangue por sangue, olho por olho, dente por dente).

Vê-se aqui que tal lei surge da necessidade de conter vinganças coletivas, modo de punição típico na Antiguidade, cuja prática arrastava tribos inteiras na busca de vingança para algum ato cometido contra um dos seus membros. A Lei de Talião previa em torno de 282 punições, as quais faziam distinção entre homens livres e escravos. A seguir, são destacados os primeiros trechos⁴ do código:

1. Se alguém enganar a outrem, difamando esta pessoa, e este outrem não puder provar, então que aquele que enganou deve ser condenado à morte.
2. Se alguém fizer uma acusação a outrem, e o acusado for ao rio e pular neste rio, se ele afundar, seu acusador deverá tomar posse da casa do culpado, e se ele escapar sem ferimentos, o acusado não será culpado, e então aquele que fez a acusação deverá ser condenado à morte, enquanto aquele que pulou no rio deve tomar posse da casa que pertencia a seu acusador.
3. Se alguém trazer uma acusação de um crime frente aos anciões, e este alguém não trazer provas, se for pena capital, este alguém deverá ser condenado à morte. Se ele satisfizer aos anciões em termos de ter de pagar uma multa de cereais ou dinheiro, ele deverá receber a multa que a ação produzir.
4. Um juiz deve julgar um caso, alcançar um veredito e apresentá-lo por escrito. Se erro posterior aparecer na decisão do juiz, e tal juiz for culpado, então ele deverá pagar doze vezes a pena que ele mesmo instituiu para o caso, sendo publicamente destituído de sua posição de juiz, e jamais sentar-se novamente para efetuar julgamentos.

4 Traduzido do português por <https://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/hamur.html>. Acesso em 04 dez de 2020.

A leitura dos primeiros códigos presentes nesse escrito permite identificar a pena de morte como a principal forma de punição. Entretanto, ao longo da leitura, também é possível ver penalidades como a mutilação e os castigos físicos. Nota-se, no escrito, poucos versos sobre a prisão - o caso encontrado está relacionado com uma questão de ordem moral: “155: Se um homem prometer uma donzela a seu filho e seu filho ter relações com ela, mas o pai também tiver relações com a moça, então o pai deve ser preso e ser atirado na água para se afogar”, o que revela da época é que pouco se utilizava a prisão como pena.

Foucault (2014) relata a história de Damiens, condenado por parricídio, o qual, segundo o filósofo, veio

a pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras: [em seguida], na dita carroça, na Praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezalado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezalado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. (FOUCAULT, 2014, p.09)

A seguir, o intelectual francês continua relatando detalhes aterrorizantes da condenação de Damiens:

Finalmente foi esquartejado [relata a *Gazette d'Amsterdam*]. Essa última operação foi muito longa, porque os cavalos utilizados não estavam afeitos à tração; de modo que, em vez de quatro, foi preciso colocar seis; e como isso não bastasse, foi necessário, para desmembrar as coxas do infeliz, cortar-lhe os nervos e retalhar-lhe as juntas... Afirma-se que, embora ele sempre tivesse sido um grande praguejador, nenhuma blasfêmia lhe escapou os lábios; apenas as dores excessivas faziam-no dar gritos horríveis, e muitas vezes repetia: “Meu Deus, tende piedade de mim; Jesus, socorrei-me”. Os espectadores ficaram todos edificadas com a solicitude do cura Saint-Paul que, a despeito de sua idade avançada, não perdia nenhum momento para consolar o paciente. (FOUCAULT, IBIDEM)

A Lei de Talião e o relato trazido por Foucault permitem notar a punição tendo como finalidade o castigo físico, sendo o corpo o “alvo principal de repressão penal” (FOUCAULT, 2014, p.13).

As punições físicas começaram a ser objeto de crítica de alguns intelectuais no período do Iluminismo (século XVII), sendo que um dos principais nomes do movimento contra essas formas de punições foi o de Cesare Beccaria (1738), o qual apresentou suas críticas sobre tal tipo de pena na obra *Dos delitos e das penas*, publicada originalmente em 1764. Na obra, o iluminista italiano expõe:

E merece a gratidão dos homens o filósofo que, de seu humilde e obscuro gabinete, teve a coragem de lançar à multidão as primeiras sementes, por longo tempo infrutíferas, das úteis verdades. Conheceram-se verdadeiras relações entre o soberano e seus súditos e entre as diversas nações. Prosperou o comércio à luz das verdades filosóficas, postas pela imprensa ao alcance de todos, acendeu-se entre as nações tácita guerra de atividades, a mais humana e a mais digna entre homens razoáveis. Estes são os frutos que devemos às luzes deste século. Pouquíssimos, porém, examinaram e combateram a crueldade das penas e as irregularidades dos processos criminais, parte tão importante quão descuidada da legislação em quase toda a Europa. Pouquíssimos os que, remontando aos princípios gerais, eliminaram os erros acumulados durante séculos, refreando, ao menos, com a força que só possuem as verdades conhecidas, o demasiado livre curso do mal dirigido poder, que deu até hoje longo e autorizado exemplo de cruel atrocidade. Entretanto, o gemido dos fracos, vítimas da cruel ignorância e da rica indolência, os bárbaros tormentos, com pródiga e inútil severidade multiplicados por delitos não provados ou quiméricos, a esqualidez e horrores da prisão, aumentados pelo mais cruel algoz dos desgraçados, a incerteza, é que deveriam comover aquela espécie de magistrados que guiam as opiniões das mentes humanas. (BECCARIA, 1999, p. 24)

A crítica de Beccaria se dirige a toda a sociedade e ao grupo de intelectuais que, apesar dos avanços científicos e da razão como elemento primordial em suas reflexões, ainda obliterava os problemas relacionados à penalização dos condenados. Na sua obra, ele discorre sobre a origem das penas, sobre o fundamento no direito de punir, sobre a utilidade das penas de sua época pensando na ordem e segurança da sociedade, sobre a justiça dos tormentos e torturas, apresentando uma posição crítica e até revolucionária sobre as práticas punitivas da época. Dessa forma, o aristocrata italiano iniciava um movimento que evocou mudanças e uma série de manifestações a favor da transformação nos modos de punição de seu tempo em seu e em outros países da Europa.

Foucault, que dedicou seus estudos à prisão, aponta que na metade do século XVII já era possível encontrar filósofos, juristas, magistrados e

legisladores reivindicando outras formas de punição. Assim, pouco a pouco, a punição, segundo ele, “deixou de ser uma cena”, e tudo o que parecesse espetáculo passou a ser visto de forma negativa. (FOUCAULT, 2014, p.14)

Carvalho Filho (2002) afirma que se o cárcere sempre existiu, sua finalidade se destinava à guarda de escravos, prisioneiros de guerra ou custódia de infratores à espera do julgamento. Por isso, aponta que o cárcere se caracterizava por ser um lugar insalubre, sem preocupações com a saúde do preso.

Na Idade Média, período em que a Igreja é a instituição reguladora da sociedade, ainda é possível ver as prisões como meio de punição e não como pena, ou seja, uma sentença penal condenatória, exceto nos casos em que clérigos infratores eram presos para que se arrependessem da culpa e redenção de seus pecados (SANTOS, ALCHIERI E SANTOS FILHO, 2009). É na Idade Moderna, período marcado pela transição do sistema feudal para o capitalista, que a prisão se instaura como pena. O tempo passa a ter uma nova concepção nesse período da história e, como consequência, o homem começou a se preocupar em medir o tempo, e relógios são instalados nas cidades da Europa (CHIAVERINI, 2009). Carvalho Filho (op. cit.) explica que nesse período,

A necessidade de aproveitar o contingente de pessoas economicamente marginalizadas, o racionalismo político e o declínio moral da pena de morte estimularam o desenvolvimento de uma reação alternativa do poder público ao crime: a supressão da liberdade por determinado período de tempo. (CARVALHO FILHO, op. cit., p. 21)

Surge, então, a prisão com a finalidade de isolar e recuperar o infrator. Assim, foi necessária a transformação do local sujo e infecto desse espaço para um “estabelecimento público, severo, regulamentado, higiênico, intransponível, capaz de prevenir o delito e ressocializar quem o comete” (CARVALHO FILHO, 2002, p.22). É conveniente, no entanto, mencionar que um lugar regulamentado e higiênico existiu apenas na teoria, pois na prática ainda se constava o mesmo ambiente sujo e insalubre.

É possível relacionar o surgimento das prisões nas celas eclesiásticas, comentadas anteriormente, com o nascimento da prisão, já que essas celas tinham a finalidade de estimular a reflexão em torno do pecado cometido pelo clérigo. Por outro lado, as casas de correção recuperavam moradores de rua,

desordeiros, autores de pequenos delitos sob o seguinte regime: trabalho, ensino religioso e disciplina (CARVALHO FILHO, IDEM, p. 22).

Das casas de correção começaram a surgir as primeiras prisões; porém, não havia uma arquitetura exclusiva para as prisões. É no final do século XVIII, mais precisamente em 1777, que John Howard apresenta a sua proposta de criação de um local exclusivo para o cumprimento de pena.

É nesse mesmo século que começa a se estabelecer o sistema punitivo nos moldes conhecidos hoje em dia. Jeremy Bentham propõe a privatização do sistema punitivo, antecipando traços das atuais propostas de privatização de tal sistema. Sugere também a adoção de disciplina, alimentação grosseira, castigo moderado e vestimenta, tudo com o objetivo de recuperar o detento. Em sua obra “O panóptico”, publicada originalmente em 1791, propôs a construção da arquitetura prisional de mesmo nome. Sobre esse modelo, Bentham (2008) o descreve como um edifício circular, onde os prisioneiros ocupam as celas separados dos demais encarcerados para que seja inviabilizada a comunicação entre esses sujeitos, e a administração do presídio se encontra no centro do edifício.

Depois da proposta de Bentham, outras foram sendo propostas ao redor do mundo. Nesse momento, destacam-se os modelos penitenciários que surgiram na Europa e nos Estados Unidos entre o final do século XVIII e início do século XIX. Na cidade de Filadélfia, em 1790, William Penn adota o modelo prisional cuja característica principal era a reclusão do detento (OLIVEIRA, 2007). Carvalho Filho (2002) aponta que esse sistema colocava os condenados em isolamento por 24 horas, com objetivo principal de estimular o remorso, o arrependimento, a meditação e a oração; por isso, os prisioneiros só podiam ler a Bíblia.

Outro modelo implementado foi o auburniano, em 1821, na cidade de Nova York. Neste estabelecimento prisional, o trabalho era dado como o objeto regenerador do indivíduo; ademais, o condenado vivia em um rigoroso regime de silêncio, imposto à base do chicote (OLIVEIRA, IDEM).

De acordo com Oliveira (2007), até o final do século XIX, a maioria das prisões europeias havia adotado o sistema filadelfiano, pois o considerava, junto com outros modelos americanos, um sucesso. Segundo Carvalho Filho (op. cit), nos EUA, por outro lado, o sistema que prevaleceu foi o de Auburn, sendo o

principal motivo para essa prevalência a adaptação do preso à rotina industrial, submetido a uma rotina de oito a dez horas diárias de trabalho.

Diferente do que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil, as primeiras prisões surgiram em meados do século XVI. Em Salvador (BA) já era possível encontrar unidades prisionais, as quais dividiam o mesmo prédio com a Câmara Municipal, ficando no primeiro andar dessas edificações. O que explica essa estrutura é o fato de que, no período colonial, as prisões eram administradas pelo município (OLIVEIRA, 2007).

Nesses espaços era possível ver compartimentos onde se localizavam os presos (homens, mulheres, negros e galés); salas para quem cumpria pena fora do cárcere; e salas fechadas para a guarda dos presos. Havia ainda o local que servia para interrogatórios e para a tortura de presos acusados de crimes graves (OLIVEIRA, IDEM).

Conforme Carvalho Filho (2002), no século XIX, com a chegada da família real, o Aljube, antigo cárcere eclesiástico⁵, começa a ser usado para a punição de presos comuns. É importante destacar que até a Constituição de 1824⁶ o castigo físico como o açoite, a tortura e a marca de ferro quente eram uma forma de punição nessas unidades prisionais; porém, a pena de morte e a forca eram finalidades de pena no Brasil reservadas para os casos de homicídio, latrocínio e revolta de escravos.

Seis anos mais tarde, em 1830, foi instituída a pena privativa de liberdade pelo Código Criminal do Império, cuja pena de prisão era o trabalho, e o tempo da pena poderia ser simples ou perpétuo. Em 1850, são inauguradas duas casas de correção, no Rio de Janeiro e em São Paulo, que vieram para substituir as más condições verificadas nas cadeias da época. Essas casas “simbolizam a entrada do país na era moderna punitiva”, na visão de Carvalho Filho (2002, p.38), que também afirma:

(...) as duas casas de correção, ilhas de excelência, espécie de ruptura na realidade punitiva existente, não deixavam de espelhar a situação geral de um país escravista e repressivo. Além de abrigarem presos condenados à prisão com trabalho, à prisão simples e também às galés (a partir da segunda metade do século 19, com o declínio do uso da

5 De acordo com Oliveira (2007) o aljube era destinado ao encarceramento de pessoas que cometeram crimes eclesiásticos ou de lesa-majestade.

6 A constituição de 1824 aboliu o açoite, exceto para escravos. Cf. CARVALHO FILHO (2002).

pena de morte, muitos escravos tiveram sentenças capitais comutadas pelo imperador em galés perpétuas), elas hospedavam presos correcionais (não-sentenciados), grupo composto de vadios, mendigos, desordeiros, índios e menores arbitrariamente trancafiados pelas autoridades. (CARVALHO FILHO, ID, p. 39)

A República, através do código de 1890, extinguiu a forca e as galés, estabelecendo o caráter temporário das penas privativas de liberdade, que não poderiam exceder 30 anos. O novo código adotou a prisão celular, inspirada no modelo auburniano, como o novo sistema penal e também criou medidas privativas de liberdade individual como a reclusão, aplicada para crimes políticos, e a prisão com trabalho, destinada para vadios e capoeiras.

Carvalho Filho (2002) destaca que, desde o século XIX, já eram apontadas as más condições nos presídios, sendo que o pouco espaço físico e o seu caráter degenerativo, que não promovia a recuperação dos indivíduos, estavam entre os problemas apontados.

No início do século XX, em São Paulo, outro problema surge: a superlotação nos presídios. Em 1920, na expectativa de diminuir os impactos desse problema, foi inaugurada a Casa de detenção de São Paulo, popularmente conhecida como Carandiru, cuja capacidade era de 1.200 presos. Sua estrutura moderna, com enfermaria, escola, oficinas, segurança, foi um marco na evolução das prisões no Brasil. Nos seus primeiros 20 anos de existência, teve êxito em seu funcionamento; por isso, passou a abrir o espaço para visitação pública.

Anos mais tarde, mais precisamente em 2 de outubro de 1992, o Carandiru marcou, mais uma vez, a história do sistema prisional brasileiro, só que de uma forma brutal e violenta, no episódio que ficou conhecido como o massacre do Carandiru. Nesse dia, estima-se que ao menos 111⁷ detentos do pavilhão 9 foram executados por policiais depois de uma briga entre dois presos de facções rivais.

Atualmente, as prisões brasileiras não apresentam problemas tão diferentes quanto os que foram relatados nas primeiras instituições, pois os apenados são tratados de forma desumana, e a ressocialização dessa população não ocorre.

7 Testemunha diz que número de mortos no 'Massacre do Carandiru' é o dobro do divulgado. **O Globo**, 15/04/2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/testemunha-diz-que-numero-de-mortos-no-massacre-do-carandiru-o-dobro-do-divulgado-8114805>.

1.4 Crime organizado no Brasil: o retrato do descaso do estado, descaso da sociedade

As más condições que são encontradas as prisões brasileiras, cujo descaso é prática institucionalizada, e a tragédia ocorrida no episódio do Massacre do Carandiru trouxeram graves consequências para a sociedade brasileira. Uma delas, que será destacada neste tópico, é a formação das facções criminosas ou do crime organizado no Brasil.

Há algum tempo, o país vem sendo surpreendido com a atividade do crime organizado, principalmente nas grandes cidades, onde esses grupos atuam por meio de assalto a bancos, tráfico de drogas, tráfico de armas e outras ações ilícitas. Embora as ações causadas por esses grupos organizados causem medo aos cidadãos, é plausível afirmar que algumas dessas ações foram respostas às situações subumanas a que os sujeitos presos foram e continuam sendo submetidos no sistema carcerário brasileiro, nesse sentido Bigoli e Bezerra (2014, p.72) afirmam que o crime organizado usa a violência “como arma principal para desestabilizar os órgãos de segurança e aterrorizar a sociedade”.

As maiores facções que já se formaram no Brasil foram o Comando Vermelho, no Rio de Janeiro, e o Primeiro Comando da Capital, em São Paulo. A primeira se formou no presídio da Ilha Grande, em 1979, com o intuito de os presos criarem uma rede de proteção entre eles, já que, nesse local, além do descaso do governo, a violência dos encarcerados era muito comum. A segunda se formou na Casa de Detenção de Taubaté, onde os presidiários relatavam alimentação inadequada, falta de material de higiene e insalubridade, visto que, em dias de chuva, o local ficava inundado por água.

A grande extensão do presídio da Ilha Grande e a organização dos presos para se protegerem fez com que esses sujeitos se organizassem em grupos, as falanges. Os indivíduos que foram alocados para os fundos do edifício ficaram conhecidos como a falange vermelha, grupo que passou a ter como objetivo reivindicar os direitos dos sujeitos presos. Mais tarde, esse grupo deu origem a outros três: Comando Vermelho, Amigos dos Amigos e Terceiro Comando Puro. (GUERRAS DO BRASIL, 2018).

O Primeiro Comando da Capital (PCC) foi formado em condições quase idênticas ao primeiro grupo. Foi em meio ao descaso do poder público que se formou a facção, também com o objetivo de assegurar os direitos dos apenados,

sendo um dos seus lemas “paz entre nós, guerra contra o sistema”. No estatuto da facção, divulgado em maio de 1997 no jornal Folha de São Paulo⁸, é possível conhecer os objetivos da formação:

ESTATUTO DO P.C.C.

1. Lealdade, respeito, e solidariedade acima de tudo ao Partido. 2. A Luta pela liberdade, justiça e paz.
3. A união da Luta contra as injustiças e a opressão dentro da prisão.
4. A contribuição daqueles que estão em Liberdade com os irmãos dentro da prisão, através de advogados, dinheiro, ajuda aos familiares e ação de resgate.
5. O respeito e a solidariedade a todos os membros do Partido, para que não haja conflitos internos, porque aquele que causar conflito interno dentro do Partido, tentando dividir a irmandade será excluído e repudiado do Partido.
6. Jamais usar o Partido para resolver conflitos pessoais, contra pessoas de fora. Porque o ideal do Partido está acima de conflitos pessoais. Mas o Partido estará sempre Leal e solidário à todos os seus integrantes para que não venham à sofrerem nenhuma desigualdade ou injustiça em conflitos externos.
7. Aquele que estiver em Liberdade 'bem estruturado' mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, serão condenado à morte sem perdão.
8. Os integrantes do Partido tem que dar bom exemplo à serem seguidos e por isso o Partido não admite que haja: assalto, estupro e extorção dentro do Sistema.
9. O partido não admite mentiras, traição, inveja, cobiça, calúnia, egoísmo, interesse pessoal, mas sim: a verdade, a fidelidade, a honriedade, solidariedade, e o interesse comum ao Bem de todos, porque somos um por todos e todos por um.
10. Todo o integrante tem que respeitar a ordem e a disciplina do Partido. Cada um vai receber de acôrdo com aquilo que fez por merecer. A opinião de Todos será ouvida e respeitada, mas a decisão final será dos fundadores do Partido.
11. O Primeiro Comando da Capital - P.C.C. fundado no ano de 1993, numa luta descomunal e incansável contra a opressão e as injustiças do Campo de concentração "anexo" à Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, tem como tema absoluto "a Liberdade, a Justiça e a Paz".
12. O Partido não admite rivalidades internas, disputa do poder na Liderança do Comando, pois cada integrante do Comando sabe a função que lhe compete de acôrdo com sua capacidade para exercê-la.
13. Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra novamente um massacre, semelhante ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção em 02 de outubro de 1992, onde 111 presos, foram covardemente assassinados, massacre este que jamais será esquecido na consciência da sociedade brasileira. Porque nós do Comando vamos sacudir o Sistema e fazer essas autoridades mudar a prática carcerária, desumana, cheia de injustiça, opressão, torturas, massacres nas prisões.
14. A prioridade do Comando no montante é pressionar o Governador do Estado à desativar aquele Campo de Concentração "anexo" à Casa

⁸ A íntegra do estatuto pode ser encontrada em: Folha de São Paulo, São Paulo, 25 mai. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/25/cotidiano/30.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

de Custódia e Tratamento de Taubaté, de onde surgiu a semente e as raízes do comando, no meio de tantas lutas inglórias e a tantos sofrimentos atrózes.

15. Partindo do Comando Central da Capital do KG do Estado, as diretrizes de ações organizadas e simultâneas em todos os estabelecimentos penais do Estado, numa guerra sem trégua, sem fronteira, até a vitória final.

16. O importante de tudo é que ninguém nos deterá nesta luta porque a semente do Comando se espalhou por todos os Sistemas Penitenciários do Estado e conseguimos nos estruturar também do lado de fora, com muitos sacrifícios e muitas perdas irreparáveis, mas nos consolidamos à nível estadual e à médio e longo prazo nos consolidaremos à nível nacional. Em coligação com o Comando Vermelho - CV e PCC iremos revolucionar o país dentro das prisões e o nosso braço armado será o Terror "dos Poderosos" opressores e tiranos que usam o Anexo de Taubaté e o Bangu I do Rio de Janeiro como instrumento de vingança da sociedade, na fabricação de monstros.

Conhecemos a nossa força e a força de nossos inimigos Poderosos, mas estamos preparados, unidos e um povo unido jamais será vencido. LIBERDADE! JUSTIÇA! E PAZ!!!

O Quartel General do PCC, Primeiro Comando da Capital, em coligação com Comando Vermelho CV.

UNIDOS VENCEREMOS

Como fica evidente no documento, Comando Vermelho e PCC se uniram, e logo os dois grupos tomaram conta de todo país. Promoveram juntos rebeliões e vários crimes, como o tráfico de drogas internacional, dentre outras práticas.

A formação de grupos organizados nas penitenciárias revela que o sistema prisional brasileiro não cumpre seu papel de ressocializar o preso, mas sim fornece condições para que esses sujeitos voltem ou se especializem no mundo do crime, integrando grupos, promovendo grandes assaltos e comandando crimes de dentro dessas instituições.

A não ressocialização dos sujeitos presos no país resulta no modo como eles são vistos pela sociedade. Uma pesquisa divulgada no ano de 2016, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e realizada pela Data Folha, revelou que 57% da população brasileira afirma que “bandido bom é bandido morto”. Do mesmo modo, dados divulgados pelo Instituto Ipsos, instituto de pesquisa e inteligência, no ano de 2018, aponta que 63% da população brasileira é a favor dos direitos humanos; entretanto, 66% acreditam que eles servem para proteger bandidos.

Diante dos dados apresentados é possível interpretar que, para a maioria dos brasileiros, a punição justa para os bandidos é a morte, pois, como afirma Muniz (2017), a crença na morte faz parecer que com menos bandido menos

crimes acontecerão. Essa concepção está tão presente no discurso dos brasileiros que foi motivo de comemoração do governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, no desfecho do sequestro⁹ ocorrido na ponte Rio-Niterói em 2019, por exemplo. Além disso, foi pauta da campanha presidencial de Jair Bolsonaro em 2016, atual presidente do Brasil¹⁰.

Consequentemente, essa visão acerca do bandido passa para o cidadão em situação de cárcere, acarretando a precariedade desse sistema, conforme Pinheiro (2017), e resultando no que pode ser visto nos exemplos que foram citados acima. Mais que isso, também permite que as autoridades continuem descuidando desse sistema, visto que a sociedade, exceto alguns setores mais especializados, como pesquisadores que se interessam pelo assunto, não se preocupa com os problemas enfrentados por esses sujeitos quando estão sob custódia do Estado.

2. O CÍRCULO DE BAKHTIN: ALGUMAS NOÇÕES IMPORTANTES

Após a proposta de Saussure, que definiu um objeto de pesquisa para a Linguística, várias perspectivas teóricas buscaram discutir a língua, inclusive teorias que tomaram o sujeito como parte fundamental na consideração sobre o objeto língua e linguagem. Assim, destacam-se as teorias da enunciação e do discurso propostas, a partir da década de 1960, por Émile Benveniste e Michel Pêcheux, bem como a de enunciado concreto do Círculo de Bakhtin que, embora conhecida no ocidente somente a partir da década de 1970, começou a ser pensada na década de 1920, na Rússia.

Considerando que o objetivo da pesquisa é investigar o sentido e a valoração da palavra *certo* quando enunciada na série Irmandade (Netflix), o Círculo de Bakhtin, que trata da interação verbal, compõe o referencial teórico para embasar a análise, o que torna necessário refletir não só sobre a noção de palavra, mas como também outras noções importantes como língua, enunciado,

9 Sequestro na Ponte: Witzel comemora desfecho e diz que familiar de criminoso pediu desculpas. Portal G1, Rio de Janeiro, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/governador-do-rj-diz-que-prioridade-e-protecao-de-refens-em-sequestro-de-onibus.ghtml>. Acesso em 20 de out. 2020.

10 Bolsonaro presidente: As propostas com as quais Jair Bolsonaro se elegeu Presidente do Brasil. BBC Brasil, 28 out, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46012309>. Acesso em: 20 out 2020.

sentido, significação, palavra etc. Junto disso, é preciso evidenciar que as noções apresentadas pelo grupo de intelectuais russos, conhecido como Círculo de Bakhtin, não são fechadas em si mesmas, mas se completam, integrando o conjunto que forma a arquitetura da teoria bakhtiniana.

Na Rússia do século XX, mais precisamente em Leningrado (atualmente, São Petersburgo), entre os anos de 1919 e 1929, um grupo de intelectuais se reunia regularmente para discutir assuntos de seus interesses. Dentre os membros desse grupo, destacam-se os nomes de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medvedev. Os três intelectuais levantaram questões fundamentais para os estudos das ciências humanas, literatura e a linguística, principalmente quando colocam o texto como “lugar central na investigação sobre o homem” (BARROS, 2005, p.28).

O estudo de qualquer teoria linguística exige que o pesquisador, antes de tudo, entenda a concepção de linguagem de tal vertente a que se associa. Por isso, neste trabalho se faz necessário apresentar a noção de língua/linguagem do Círculo de Bakhtin. Antes disso, porém, é necessário expor como Volóchinov explica a origem da linguagem.

A origem da linguagem já foi e ainda é assunto que interessa não só a linguistas, mas também a pesquisadores e intelectuais de diversas áreas do conhecimento, o que explica porque há tantas teorias sobre o assunto, mesmo que sem consenso entre elas. Volóchinov, não diferente, também procurou refletir sobre este assunto, mais especificamente na obra *A construção da enunciação e outros ensaios*, a qual reúne textos que datam de 1925 a 1930.

Primeiro, ele se opõe às teorias do século XVIII que defendem que a origem da linguagem está na ação do sobrenatural ou como invenção consciente do homem. Mais adiante, o integrante do Círculo evidencia que, para ele, a explicação relacionada ao início da linguagem deve esclarecer o seu caráter de *fenômeno social*.

Com efeito, Volóchinov concorda com algumas ideias apresentadas pelo linguista Nicolai Marr (1865-1934) na sua teoria sobre o princípio da linguagem. Tchougounnikov (2005) explica que a linguística proposta por Marr considera que o princípio da linguagem está relacionado com as atividades produtivas e com a evolução da sociedade, uma vez que os “saltos revolucionários” no

surgimento da linguagem se deram por necessidade das forças produtivas e econômicas.

Na mesma direção, Volóchinov afirma que “a linguagem recorreu ao mesmo processo de desenvolvimento que a cultura material econômica e técnica” (VOLÓCHINOV, 2013, p.136). A linguagem tem seu princípio quando o homem teve que se reunir em grupo e precisou estabelecer comunicação para organizar seus objetivos em comum. Isso levou o linguista russo a afirmar que, se a existência do homem fosse isolada, não haveria a necessidade nem de criar linguagem nem de criar cultura (VOLÓCHINOV, IBIDEM).

Esse movimento breve de recuperar as ideias com as quais Volóchinov concorda a respeito da origem da língua objetiva refletir sobre a concepção de língua adotada pelo grupo. Então, a partir das explicações de Volóchinov (2013) sobre a gênese da linguagem, é possível compreender que ela só vive no meio social. O autor evidencia que a língua

Não é algo imóvel, dada de uma vez para sempre e rigidamente fixada em “regras” e “exceções” gramaticais. A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social. Este movimento progressivo da língua se realiza no processo de relação entre homem e homem, uma relação não só produtiva, mas também *verbal*. Na comunicação verbal, que é um dos aspectos do mais amplo intercâmbio comunicativo – o social -, elaboram-se os mais diversos tipos de enunciações, correspondentes aos diversos tipos de intercâmbio comunicativo social. (VOLÓCHINOV [grifos do autor], 2013, p.157)

Portanto, diferente da concepção de língua apresentada por Saussure, Bakhtin e o Círculo trataram, em seus estudos, do sujeito falante, pois acreditavam que o princípio fundador da linguagem está no social, por meio da interação entre os sujeitos. Mais que isso, a reflexão de Volóchinov sobre a origem da linguagem mostra que os sujeitos são um importante elemento constitutivo da língua e da linguagem.

O sujeito bakhtiniano é capaz de se posicionar através de enunciados, sempre estabelecendo relações dialógicas com outros sujeitos, relacionando-se, portanto, com outros pontos de vista. Por isso, este sujeito está em contínua formação, pois a interação é o seu fator constitutivo, Sobral e Giacomelli (2015) explicam que

Devemos pensar na concretude da situação do sujeito, e não em alguma 'essência' sua; essa concretude tem de ser levada em conta para entendermos sua 'transfiguração' discursiva, isto é, sua construção, constituição, como sujeito de discurso. O sujeito do dialogismo não é o sujeito empírico, pessoa física identificada por um CPF, mas também não é um sujeito abstrato, ideal. Trata-se em vez disso de um sujeito concreto, um sujeito inserido no mundo que se projeta em seu enunciado. Logo, o sujeito não é apenas um ser do mundo nem apenas um ser de discurso, mas um sujeito concreto, que une esses dois planos. Não há aqui uma separação entre contexto da interação e a interação propriamente dita, entre o texto e o contexto, entre a realidade discursiva e a realidade per se, mas a consideração simultânea dessa dupla condição: o sujeito concreto não é abstrato, não é subjetivo no sentido psicológico nem é estritamente sociológico, mas um ser do mundo que se manifesta em seus enunciados (e ações). (SOBRAL E GIACOMELLI, 2015, p.18)

É um sujeito no mundo que produz enunciados, o qual se posiciona em dado contexto, sociedade e época. Logo, vê-se que o Círculo apresenta um sujeito heterogêneo, que modifica o seu enunciado em função das intervenções de outros enunciados, independentes de se tratar de discursos reais ou imaginados. De qualquer forma, o dialogismo de Bakhtin possibilita que o sujeito seja conhecido através dos discursos produzidos por ele, visto que só pode ser entendido como uma propriedade das vozes que ele enuncia (DAHLET, 2005).

Nota-se que o posicionamento do Círculo sobre a linguagem envolve sujeitos expressivos e falantes (BAKHTIN, 2017), os quais estão dentro de uma sociedade com práticas inscritas em uma dada posição e contexto sócio-histórico. É na interação que os indivíduos se posicionam em relação ao mundo em seus enunciados, sendo, como afirma Volóchinov (2017), a situação social mais próxima e o meio social mais amplo que determinam completamente a estrutura desses enunciados.

Assim, “a realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas (...), mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219). Nesse sentido, para o linguista “a língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua, nem no psiquismo individual dos falantes” (VOLÓCHINOV, IDEM, p. 220). Em todas as obras assinadas pelos integrantes do Círculo, a concepção de língua do grupo é sempre reafirmada – a língua não se restringe às formas, às categorias gramaticais, mas está no meio social, repete-se, na interação, quando um homem fala com o outro.

A interação só é possível através de enunciados, pois, como já se sabe, é através deles que os sujeitos se posicionam. Volóchinov (2013) explica que a enunciação:

(...) compreende, além da parte verbal expressa, também uma parte *extra verbal* não expressa, mas subentendida – situação e auditório – sem cuja compreensão não é possível entender a própria enunciação. Essa enunciação, enquanto unidade da comunicação verbal, enquanto unidade significante, elabora e assume uma forma fixa precisamente no processo constituído por uma interação verbal particular, gerada num tipo particular de intercâmbio comunicativo social. (VOLÓCHINOV, 2013 [grifos do autor], p.159)

Entende-se, com isso, que o enunciado parte das formas estáveis da língua – parte verbal expressa – e instaura seu sentido quando compreendido numa situação e auditório dados. Sobre as formas linguísticas (formas estáveis da língua) é interessante se reportar novamente a Volóchinov (2017) quando o autor expõe que, para o falante, a forma linguística é importante como um signo mutável e flexível, não como um sinal constante invariável. Ele salienta ainda que processo de compreensão e processo de reconhecimento não devem ser confundidos, pois só os signos podem ser compreendidos e apenas sinais podem ser reconhecidos (VOLÓCHINOV, IDEM). Portanto, a partir da perspectiva teórica do Círculo, é impossível compreender a totalidade do enunciado sem que seja conhecida a parte extra verbal contida na enunciação.

Bakhtin (2016 [1952]) apresenta importantes contribuições a respeito do enunciado. De acordo com o filósofo russo,

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p.11)

As reflexões afins de Bakhtin e Volóchinov reafirmam a posição do Círculo em relação à linguagem. Bakhtin afirma que os sujeitos se comunicam através de enunciados, mobilizando recursos linguísticos da língua para refletir as

finalidades de cada campo – entende-se aqui que ele se refere aos objetivos dos gêneros discursivos que circulam nos vários campos da atividade humana.

Definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” os gêneros do discurso foram classificados por Bakhtin em primários ou secundários. Os primeiros estão presentes em situações do cotidiano, mais simples como a conversa do dia a dia; os segundos, dizem respeito àqueles que estão em situações mais complexas da comunicação, como em teses, tratados etc.

O estilo e a alternância dos sujeitos são outras importantes particularidades do enunciado. O estilo está presente em todos os gêneros do discurso, refletindo a individualidade do falante e diz respeito, basicamente, às escolhas gramaticais e visuais na composição do enunciado a que se referiu Bakhtin anteriormente. Essas escolhas são o que liga a relação que o locutor/autor deseja estabelecer com seu ouvinte/leitor; além disso, é o que possibilita que o sujeito projete suas opiniões e avaliações sobre o seu enunciado, enunciado em um determinado gênero do discurso, organizado a partir do quê, como e para quem ele pretende dizer algo, ou seja, do seu projeto enunciativo.

Em conclusão, as reflexões feitas até aqui sobre o enunciado permitem compreender por que essa importante noção bakhtiniana deve ser destacada quando se estuda a teoria do Círculo. Bakhtin (idem) alerta

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, id, p.16)

A relação entre os enunciados concretos diz respeito à noção de dialogismo, conceito guarda-chuva da arquitetônica filosófica bakhtiniana, conforme afirma Brait (2016), que se encontra no princípio da reflexão sobre a língua, o enunciado e o sujeito em Bakhtin. Isso se justifica porque já se identifica esse princípio basilar da teoria quando Volóchinov (2013) apresenta sua percepção sobre a origem da linguagem, a qual é imanentemente social.

O estudo de qualquer conceito do Círculo será, em algum momento, tocado pela questão do diálogo. Sobre isso, Brait (1994) afirma que

A natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto das obras de Mikhail Bakhtin, funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantêm vivo o pensamento desse produtivo teórico. (BRAIT, 1994, p. 11)

À primeira vista, a palavra *dialogismo* relaciona-se, automaticamente, com diálogo, mais precisamente o diálogo face a face entre dois ou mais interlocutores, a conversação. Volóchinov (2019), embora afirme que esse diálogo é a forma mais natural da linguagem, destaca que não apenas essa interlocução é dialógica, pois

O discurso do orador, a palestra do professor, o monólogo do ator, o pensamento em voz alta de uma pessoa -, todos esses enunciados são monológicos apenas em sua forma exterior. Já em sua essência e no todo da sua construção estilística e semântica, eles são *dialógicos*. (VOLÓCHINOV, IDEM, p. 272)

A afirmação de Volóchinov evidencia que o dialogismo, o dialógico ou as relações dialógicas não se referem apenas ao diálogo face a face, mas sim à essência do enunciado. Sobral explicita melhor o que significa os termos monológicos e dialógicos:

'dia' envolve mais de um e 'mono' envolve apenas um. Assim, cada uma delas traz em si uma significação, um elemento que é comum a todos os usos apontados: 'mono-lógico' indica etimologicamente "fala única", "discurso único", e 'dia-lógico' indica 'fala múltipla', 'discurso múltiplo' (...) (SOBRAL, 2009, p. 74)

Nota-se, então, que dialógico se refere a mais de um sujeito envolvido na comunicação discursiva, como destaca Faraco:

(...) tudo o que ocorre no diálogo face a face é de caráter intrinsecamente social, isto é, a interação face a face não pode, em nenhum sentido, ser reduzida ao encontro fortuito de dois seres empíricos isolados e autossuficientes, soltos no espaço e no tempo, que trocam enunciados a esmo. (FARACO, 2009, p. 64)

A interação na linguagem, no Círculo de Bakhtin, pode se dar de três formas, conforme afirma Fiorin (2019): *na heterogeneidade do enunciado*,

quando ele é capaz de revelar outras posições em relação a determinado assunto, mesmo que todas elas não estejam explícitas no texto; *na incorporação do discurso do outro no enunciado*, seja através do discurso objetivado, seja pela bivocalização do discurso; e, por último, *na constituição do sujeito* em que “o mundo interior é formado de diferentes vozes em relação de concordância ou discordância”. (FIORIN, id, p. 61)

Vê-se a interação presente em todo o ato discursivo; mais do que isso, é através dessa prática da linguagem que Bakhtin coloca o homem como objeto central da sua investigação. Sobre o dialogismo, explica Pires (2002, p.39):

Tudo o que me diz respeito vem-me do mundo exterior por meio da palavra do outro. Todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Nessa rede dialógica que é o discurso, instituem-se sentido que não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de um *continuum*. (...) Dito de outra maneira, o indivíduo não é a origem de seu dizer. (PIRES, 2002, p. 39).

Dessa maneira, todos os enunciados produzidos pelos falantes ou escritores remetem a outro já dito em algum momento na corrente da comunicação discursiva. Bakhtin (2016) afirma que todo falante responde a outro enunciado em maior ou menor grau, porque ele não é o primeiro a enunciar. Ao partir para a enunciação, o sujeito pressupõe não só as formas da língua, mas também enunciados anteriores com os quais polemiza, concorda, discorda etc.

Polemizar, concordar, discordar, julgar como verdadeiro ou falso qualquer enunciado anterior é possível através da ideologia, pois, ao se posicionar sobre qualquer assunto, os sujeitos projetam seu ponto de vista no enunciado. A ideologia na perspectiva bakhtiniana, conforme Faraco (2009), é apreendida em dois sentidos: no primeiro, todo o enunciado se dá em alguma das esferas da atividade intelectual humana (na arte, na ciência, na política etc.); no segundo, expressa sempre uma posição avaliativa, a voz social que o sujeito ocupa no mundo.

Primeiramente, é muito importante compreender que, para Bakhtin e seus pares, a ideologia não é apreendida como falsa consciência, assim como postulam alguns leitores de Marx, e sim como “representações que os diferentes grupos sociais constroem do mundo” (FARACO, 2013, p.70). Sobre isso, Volóchinov assevera que

(...) o ideológico em si não pode ser explicado a partir de raízes animais, sejam elas pré ou supra-humanas. Seu verdadeiro lugar na existência está em um *material signico* específico, que é social, isto é, criado pelo homem. A sua especificidade está justamente no fato de que ele existe entre indivíduos organizados, de que representa o seu meio e serve como *médium* para a comunicação entre eles (...). O signo tampouco urge entre dois Homo sapiens. É necessário que esses dois indivíduos sejam *socialmente organizados*, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio signico pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico. (Volóchinov, 2017 [grifos do autor], p. 96)

Por essa razão, o grupo formado por Volóchinov, Bakhtin e Medvedév, entre outros, nega a concepção idealista e psicologista de que a ideologia está situada na consciência, argumentando que ela se encontra em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo etc. Os produtos ideológicos não estão reduzidos a si mesmos, a sua natureza, pois projetam algo que está fora deles. Volóchinov (idem) explica:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*. (Volóchinov (idem [grifos do autor], p.91).

Os signos, condição primeira para a instauração da ideologia, podem ser quaisquer objetos. Ao portarem ideologia, esses objetos transcendem a sua existência material, expandindo-se para uma realidade que lhes é exterior. Por isso Volóchinov (2017) assevera que

o signo não é somente uma parte da realidade, mas também *reflete e refrata* uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. (Volóchinov, 2017, p. 93 [grifos meus]).

Faraco (2009) explica que a reflexão do signo é o que o torna mais do que uma mera imagem do mundo e, sobre a refração, explica:

refratar significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo. (FARACO IDEM, p.50 [grifos do autor])

Dessa maneira, com o mundo organizado em diversos grupos sociais, é possível verificar várias verdades sobre o mesmo signo, pois “essas várias verdades equivalem aos diferentes modos pelos quais o mundo entra no horizonte apreciativo dos grupos humanos” (FARACO, idem, p.51). São essas verdades que são expressas através da posição avaliativa nos enunciados.

A posição valorativa nos enunciados diz respeito ao posicionamento social sempre expresso nas enunciações. Isso permite afirmar que não existem enunciados neutros, porque são sujeitos situados em dado contexto social e histórico, com determinada posição social que produzem esses enunciados. E mais, a entoação avaliativa e a posição responsiva são dadas a partir da posição ideológica adotada pelos sujeitos.

Chega-se, portanto, à concepção de que a valoração é uma ligação constitutiva entre o enunciado e sua situação de interação, ou seja, quais seus interlocutores, em que lugar social se situam, como se relacionam, o dá sentido ao enunciado. Assim, na próxima sessão, serão discutidas as noções de significação e sentido para o Círculo de Bakhtin, essenciais para a compreensão de nosso objeto de estudo.

2.1 Da significação ao sentido do enunciado: do extra verbal às formas linguísticas

Feitas as considerações sobre língua/linguagem, enunciado, sujeito, dialogismo e ideologia, chega-se à significação e ao sentido na linguagem em Bakhtin, tópico brevemente tocado anteriormente, e que, devido aos objetivos do trabalho, necessita de uma análise mais aprofundada.

Significação e sentido são conceitos discutidos em outras áreas da linguística, como a semântica e a pragmática, sendo também objeto de reflexão de vertentes enunciativas e discursivas, a exemplo do francês Émile Benveniste¹¹.

11 Flores (2013, p. 137) alerta que em muitas vezes o termo significado e sentido em Benveniste podem parecer sinônimos. Benveniste, em seu artigo “A forma e o sentido na linguagem”, reflete sobre o que é significar e ter sentido em sua concepção: “A questão não é mais de definir o sentido, enquanto o que releva da ordem semiótica. No plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter um sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aquelas para os quais esta língua é a *língua* e nada mais. Nós erigimos, desta forma, a noção de uso e de compreensão da língua como um princípio de discriminação, um critério. É no uso da língua que um signo tem existência; o que

Muito antes dessas disciplinas se estabelecerem na linguística moderna, Volóchinov (2017) criticava correntes de estudo – as quais ele chama de monologismo unilateral -, que abordavam a significação de forma una, monológica e passiva. Segundo ele, é preciso uma aproximação com os elementos fundamentais e essenciais da significação linguística.

Antes de aprofundar a reflexão sobre significação e sentido, é necessário recordar a noção de tema, conceito presente quando se fala desse assunto. Por isso é necessário evocar Sobral (2009) para a elucidação do tópico, pois o pesquisador explica que

A ideia de tema é melhor entendida como ‘unidade temática’, expressão que esclarece o que distingue tema de assunto, e que o define como o conjunto integrado de elementos únicos que se manifestam na enunciação concreta, os elementos não reiteráveis e não-idênticos da enunciação, tão únicos quanto ela, e que geram sentido por ser tomados em seu contexto e em sua situação de produção de sentido. O tema só é entendido quando se levam em conta os elementos extra-verbais da enunciação ao lado dos elementos verbais; o tema não é fixado, mas dinâmico; é uma mobilização de formas da língua segundo as condições da enunciação, é o lugar em que significação + enunciação produzem sentido. (SOBRAL, 2009, p.75).

O tema propicia que o enunciado estabeleça seu sentido, partindo de formas estabilizadas e levando a uma série de elementos extra verbais. As formas estabilizadas da língua, mais precisamente as formas linguísticas, competem à significação, como formas dicionarizadas que se decompõem “em uma série de significações em conformidade com os elementos linguísticos do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2017, p.229). A significação mesma, única, estável, pertence a qualquer enunciado; por isso, ela carrega os aspectos que, como explica Volóchinov (idem), são repetíveis e idênticos. Mais que isso, a significação “possui apenas uma potência, uma possibilidade de significação dentro de um tema concreto” (VOLÓCHINOV, id, 231).

O tema, por outro lado, é o que confere a unicidade do enunciado, é indivisível, é o que o torna irrepetível, o que se refere a algo determinado, a um todo compartilhado entre os falantes de determinada comunidade, sociedade etc. A título de exemplo, Volóchinov comenta sobre o enunciado “Que horas

não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua, ou está fora da língua (...)” (BENVENISTE, 1989, p. 227).

são?”, cuja significação é estável em diversas situações, entretanto o sentido é único. Cereja complementa, a respeito do enunciado:

O tema dessa enunciação é indissociável da situação histórica e não pode ser segmentado. Quando um professor, por exemplo, a poucos minutos do sinal, pergunta à classe “Que horas são?”, pode desejar saber quantos minutos ele ainda tem para desenvolver a matéria; uma criança que adentra a cozinha e faz a mesma pergunta à mãe, enquanto esta termina de preparar o almoço, pode querer saber se o almoço está pronto; a mesma enunciação poderá ter o sentido de “Está na hora de irmos embora?”, se um colega faz a pergunta a outro num banco, ao final do expediente. (CEREJA, 2008, p.202)

Algumas peculiaridades do sentido fazem com que ele adquira esse status uno, irrepitível. Sobral explica sobre como o sentido é construído na enunciação:

Esse modo de ser da linguagem envolve um processo de permanente negociação e regulação do sentido, que é assim algo que está sempre se formando, se alterando, ressurgindo, mostrando novos aspectos, descartando certos aspectos etc. Porque sujeitos diferentes, em momentos ou épocas diferentes, lugares diferentes, circunstâncias específicas diferentes, criam em suas relações sentidos diferentes – *inclusive para um mesmo discurso, um mesmo enunciado, uma mesma palavra*. A interação envolve (1) a presença de partes implícitas ou explícitas de outros textos num dado texto – a intertextualidade, (2) a presença de discursos em outros discursos (nos modos de dizer, de elaborar textos, nas formas de interação etc.) – a interdiscursividade e (3) a presença de gêneros (modos de entender e de organizar o mundo em discursos) em outros gêneros – a intergenericidade. (SOBRAL, 2009, p. 90 [grifos nosso])

Tema e significação são, assim, unidades inseparáveis, visto que a existência de um pressupõe a existência do outro. Conforme Volóchinov:

O tema é um *complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação*. O tema é *uma reação da consciência em constituição à formação da existência*. A significação é *um artefato técnico de realização do tema*. Evidentemente, é impossível traçar um limite absoluto e mecânico entre o tema e a significação. (VOLÓCHINOV, 2017 [grifos do autor], p. 229)

A clara distinção entre tema e significação, segundo Volóchinov (IDEM), permite esclarecer o problema da compreensão e culmina na noção de relações dialógicas, que rege o todo da teoria Bakhtiniana. Assim, o autor esclarece, em *Marxismo e filosofia da linguagem*:

Compreender um significado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão.

Desse modo, cada elemento semântico isolável do enunciado, assim como o enunciado em sua totalidade, é traduzido por nós para outro contexto ativo e responsivo. *Toda compreensão é dialógica*. A compreensão opõe-se ao enunciado, assim como uma réplica opõe-se a outra no diálogo. A compreensão busca uma *antipalavra* à palavra do falante. Apenas a compreensão de uma palavra busca 'exatamente a mesma' palavra em sua língua. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232 [grifos do autor])

Logo, a compreensão do enunciado permite que o sujeito – ouvinte ou leitor – assumam uma posição responsiva ativa diante da enunciação do falante ou escritor. Dessa forma, mais uma vez, é o homem atuando de forma ativa sobre a língua, pois só a significação, o sentido e a compreensão são possíveis onde há sujeitos socialmente organizados em dada época, lugar e situação histórica.

2.2 Palavra em Bakhtin: o signo ideológico por excelência

A palavra é um importante componente nos estudos sobre a língua em geral; dessa forma, pode ser estudada em diferentes perspectivas – linguística, enunciativa e discursiva. Na Análise Dialógica do Discurso, corrente de estudos do discurso estabelecida a partir das concepções do Círculo de Bakhtin, a palavra se apresenta como uma das noções mais profícuas, pois tem uma natureza “histórica, social e viva”, conforme afirmam Pereira e Brait (2020, p. 127).

A natureza da palavra pode ser compreendida pelo seu caráter sógnico e por sua função ideológica, sendo, portanto, “o fenômeno ideológico *par excellence*”, pois toda sua realidade gira em torno da sua função sógnica (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98 [grifos do autor]). Por isso, a palavra, no pensamento bakhtiniano, é “encarada como um elemento concreto de feitura ideológica” (STELLA, 2008, p.178); mais que isso: ela só é capaz de existir na interação entre sujeitos situados em um dado contexto histórico e social. Assim, a palavra em Bakhtin é viva. Dessa forma, a abordagem do Círculo se contrapõe a abordagens mais formais como as da morfologia e da sintaxe, por exemplo, que tratam da palavra de um ponto de vista linguístico mais abstrato. Conforme

Volóchinov (2019), tais abordagens não permitem que a palavra seja compreendida a partir da situação social em que foi gerada.

Para falar de palavra é necessário retomar o que são os signos em Bakhtin. Os signos não são apenas parte da realidade, mas também refletem e refratam outra realidade, “sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, idem, p. 93). Essa reflexão e refração da realidade passa, então, pela questão ideológica. É necessário lembrar que no Círculo de Bakhtin a ideologia diz respeito a “representações que os diferentes grupos sociais constroem do mundo” (FARACO, 2013, p. 70). Isso posto, uma das principais características da palavra é seu caráter de *signo neutro*.

A disponibilidade da palavra para qualquer sujeito, de qualquer posição social e em qualquer situação social, somada à sua habilidade de fazer sentido em qualquer função ideológica especializada ou em enunciados, dá a ela esse efeito de neutralidade. Ou seja, uma mesma palavra pode adquirir vários sentidos ou qualquer função ideológica sem ter sua funcionalidade afetada por isso. Pereira e Brait (2020) explicam que a palavra, que na concepção da Análise Dialógica do Discurso é o material de realização concreta do signo ideológico, é capaz de se impregnar de diversos modos plurais de produção e efeitos de sentido. Assim:

A ‘mesma’ palavra está permeada de valores diferentes dependendo dos sujeitos que as enunciam em diferentes situações e contextos. Basta pensar, na atualidade brasileira, na carga diferenciada de valores dos signos *ideologia* e *ideológico*, quando se tornam *palavras* enunciadas por diferentes sujeitos, em diferentes situações e esferas de atividade. As palavras são tecidas por fios ideológicos diversos e, por vezes, até mesmo contraditórios. Esses fios são tramados no interior das esferas da atividade humana, espaços sociais de gênese, regularização e legitimação das situações de interação, engendrando os variados matizes ideológicos das palavras. (PEREIRA E BRAIT, 2020, [grifos do autor], p. 128)

Por isso, entende-se que a palavra toma sentido na vivência dos sujeitos, nas comunicações cotidianas, nas ideologias mais especializadas. Volóchinov (2019) afirma que “a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido” (VOLÓCHINOV, IDEM, p. 117).

Se para os sujeitos a palavra fica disponível para uso na composição do enunciado em determinada situação histórica, social, contextual e também partir da posição social dos sujeitos, fica ela também sujeita às avaliações desses mesmos sujeitos. Essas avaliações são dadas na situação extra verbal do enunciado, ou seja, são feitas na interação, sendo que “essas opiniões e avaliações se referem a um certo todo, no qual a palavra entra em contato direto com o acontecimento cotidiano” (VOLÓCHINOV, IDEM, p. 117). Assim, é possível depreender que a palavra não apresenta autor e só funciona como um enunciado pleno quando se torna expressão da posição do falante em uma situação concreta de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016). Portanto, o aspecto constitutivo da palavra não está apenas em sua forma linguística, mas sim na sua mutabilidade específica. Volóchinov (2017) explica que

O aspecto constitutivo na compreensão da forma linguística não é o reconhecimento do ‘mesmo’, mas a compreensão no sentido exato dessa palavra, isto é, a sua orientação em dado contexto e em dada situação, orientação dentro do processo de constituição e não ‘orientação’ dentro de uma experiência móvel. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 179)

Para ilustrar o funcionamento da propriedade da palavra, Volóchinov dá um exemplo a partir da palavra “puxa”. Duas pessoas estão em um quarto, sentadas, até que uma delas diz a palavra “puxa”. Destaca Volóchinov que, do modo isolado como foi apresentada a palavra, não é possível que cheguemos ao seu sentido. Mais adiante, ao fornecer informações sobre a enunciação de “puxa”, apontando ainda que ela foi pronunciada no tom de indignação, reprovação, mas junto de um moderado tom de humor, o autor conclui:

O que nos falta, então [para compreendermos o sentido da palavra]? – Aquele ‘contexto extraverbal’ no qual a palavra ‘puxa’ fazia sentido ao ouvinte. Esse *contexto extraverbal* do enunciado é composto por três aspectos: 1) *o horizonte espacial comum* dos falantes (a unidade do visível: o quarto, a janela etc; 2) *o conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois*; e finalmente 3) *a avaliação comum* dessa situação.

No momento da conversa, ambos os interlocutores *olharam* pela janela e *viram* que começou a nevar; ambos *sabem* que já é maio e a primavera deveria ter começado faz tempo; finalmente, *ambos estão cansados* do inverno que custa a terminar; *ambos estão esperando* a primavera e *ambos estão descontentes* com a neve tardia. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 119 [grifos do autor])

Todas essas informações que o autor fornece estão ligadas à enunciação da palavra “puxa”, e são elementos que condicionam a possibilidade de chegar ao sentido da palavra.

A compreensão da palavra quando na enunciação faz com que Pereira e Brait (2020) chamem a atenção para a palavra-enunciado, visto que ela compartilha das mesmas características do enunciado, as quais são: (1) alternância de uso por sujeitos em situação de fala ou na escrita; (2) conclusibilidade; e (3) expressividade semântico-ideológica (PEREIRA E BRAIT, *idem*, p. 133). Convém lembrar que a alternância de uso por sujeitos em situação de fala ou escrita se refere aos limites de cada enunciado concreto, como explica Bakhtin (2016):

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o ‘dixi’ percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante concluiu sua fala (BAKHTIN, 2016, p.29)

A alternância de sujeitos é melhor visualizada através da forma diálogo, cujas alternâncias Bakhtin denomina *réplicas*. Outra característica do enunciado partilhada com a palavra é a conclusibilidade, que tem ligação direta com a alternância dos sujeitos. Basicamente, ela diz respeito ao fato de o falante ou escritor ter dito tudo em dado momento da enunciação; dada essa conclusibilidade, a palavra é passada ao interlocutor/leitor.

Por último, a expressividade semântico-ideológica é “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 47); concomitante a isso, é o que torna o enunciado e a palavra isentos de serem neutros, pois estão sujeitos a serem valorados quando na enunciação. Pereira e Brait (2020) explicam que “embora a língua ofereça recursos sintáticos, morfológicos e lexicais para a expressão de uma posição valorativa, as unidades do sistema são neutras em relação a qualquer expressão axiológica” (PEREIRA E BRAIT, *IDEM*, p. 134). Para mais, é importante salientar que “a relação valorativa do falante com o objeto do seu

discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 47).

À vista das peculiaridades da palavra que foram levantadas, nota-se que, na Análise Dialógica do Discurso, mesmo que a palavra apresente sua significação elencada em dicionário, é o sentido que possibilitará compreendê-la quando no momento da enunciação. Retomando Volóchinov, “a palavra é completada diretamente pela vida” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 117), sendo, portanto, impossível tomá-la apenas a partir de seu significado dicionarizado.

A questão da palavra *certo* na série Irmandade volta-se para essa problemática: vê-se que, sem a significação comum aos sujeitos, não se poderia saber o sentido. Mesmo que compartilhe um significado no dicionário, é o contexto da enunciação, os sujeitos envolvidos na situação e o contexto social e histórico que possibilita a compreensão da palavra. A sua compreensão, se restrita à língua, impossibilitaria a compreensão, a exploração de sentidos e pluridiversificação de *certo* em diferentes contextos de usos.

Por fim, é necessário destacar que a palavra está integrada ao projeto dialógico sobre a linguagem do Círculo de Bakhtin, principalmente por evidenciar que ela adquire sentido quando socializada, no processo de interação verbal.

A seguir, será apresentada a metodologia de pesquisa utilizada no trabalho e, concomitante a isso, uma reflexão mais específica sobre a palavra *certo* no contexto de enunciação na série Irmandade, mais precisamente sob o ponto de vista das personagens Edinho, Cristina e Andrade.

2.3 DA PALAVRA PARA O ENUNCIADO: METODOLOGIA E ANÁLISE

É possível afirmar que enunciado e palavra são unidades inseparáveis no estudo do sentido e da valoração, pois é na enunciação que a palavra adquire seu sentido. No enunciado, a palavra toma sua forma, manifesta seus valores ideológicos contraditórios e tem seu sentido confirmado pelo contexto em que ocorre, “carregando os valores culturais que expressam as diferenças de opiniões e contradição de ideias numa sociedade, por isso um fenômeno ideológico” (ÁVILA E GIACOMELLI, p.102).

De acordo com Bakhtin (2016), cada campo da atividade humana elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, isto é, os gêneros do discurso.

Assim, o enunciado se torna uma das mais importantes formas de expressão do homem, visto que está presente nas atividades de interação dos sujeitos.

É importante pensar que a língua não chega até estes sujeitos através de gramáticas e dicionários, mas sim, conforme afirma Bakhtin, na forma “de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam” (BAKHTIN, 2016, p.38). Portanto, não havendo a existência de discursos neutros, depreende-se que todo o enunciado que chega até os sujeitos vem valorado, expressando a posição social do sujeito que enuncia, já que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, idem, p.46).

A importância dos enunciados nas formas de atividade humana via linguagem faz com que eles se tornem um potente objeto para a Análise Dialógica do Discurso. Dessa maneira, é necessário construir uma metodologia que atenda aos objetivos da pesquisa, mas que também esteja em consonância com os preceitos apresentados pelo Círculo de Bakhtin. Mesmo não apresentando um método, Volóchinov destaca pontos a serem considerados na análise dos enunciados:

A língua vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta, e não no sistema abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.

Disso decorre que a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 220 [grifos do autor])

Em vista dos apontamentos do Círculo de Bakhtin e os objetivos desta pesquisa, escolhe-se para este trabalho aplicar a metodologia apresentada por Sobral (2006) de *descrição-análise-interpretação*, cuja proposta considera três etapas para o tratamento do corpus, das quais:

A descrição ‘apresenta’ o corpus a partir de sua inserção geral na esfera de atividades; a análise examina a estruturação do discurso e a interpretação reúne as duas anteriores, ao interpretar suas estratégias de produção de sentidos e os sentidos produzidos nos termos da esfera de atividades e da análise do texto. (SOBRAL, 2008, p. 04).

Essa proposta de Sobral atende ao que o pesquisador designa *procedimentos* e *etapas*. O primeiro se atém a uma análise do ponto de vista macro analítico, cujas particularidades compreendem: a análise qualitativa, que permite caracterizar determinado gênero, bem como as suas especificidades; a análise das estratégias presente nos textos do corpus; análise do modo de criação de tal gênero na interação e aceitação dele pelo interlocutor. Por outro lado, as etapas, já citadas acima, de descrição, análise e interpretação referem-se à análise em seu nível micro analítico, como explica o autor:

Os *procedimentos* visam a demarcar o objeto do ponto de vista de sua inserção sócio-histórica. As *etapas* ou *níveis*, que são parte de cada um dos procedimentos, constituem um dispositivo analítico voltado para explicar os mecanismos de construção dos sentidos dos discursos. Assim, cada um dos procedimentos segue as etapas, ou níveis, em seu respectivo âmbito. (SOBRAL, 2008, p. 04 [grifos do autor])

Considerando que o corpus do presente estudo faz parte de um gênero já consolidado, com suas características e especificidades mais estáveis em dada esfera de atividade humana, não se vê a necessidade de uma análise macro analítica com todos os passos que Sobral (2008) aponta. O que irá ser feito nesse sentido é uma apresentação da série Irmandade no contexto social e histórico das plataformas *streaming* no Brasil.

Desse modo, a descrição irá alocar o corpus em dada esfera de atividade de uso da linguagem. Nessa etapa será apontada a interação que ocorre entre os interlocutores - quem são, os seus papéis sociais e como se relacionam. Essa etapa se volta para a concepção do círculo da língua como um fato social, visto que “o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados”. Assim, saber a relação entre os interlocutores, seus papéis sociais, é extremamente importante para compreender o enunciado formado na situação de enunciação. Como explica Volóchinov:

De fato, não importa qual enunciado considerarmos: ainda que ele não represente uma mensagem objetiva (uma comunicação no sentido estrito), mas uma expressão de alguma necessidade como, por exemplo, a fome, concluiremos que sua orientação é inteiramente social. Antes de mais nada, *ele é determinado de modo mais próximo pelos participantes do evento do enunciado*, tanto os imediatos quanto os distantes, e em relação a uma situação determinada; isto é, *a situação forma o enunciado*, obrigando-o a soar de um modo e não de

outro, seja como uma exigência ou um pedido, seja como a defesa de um direito ou como uma súplica por piedade, seja em estilo pomposo ou simples, seja de modo confiante ou tímido e assim por diante. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206 [grifos meus])

Dada a devida atenção à etapa descrição, se passará para a análise, que, como afirma Sobral (2008), é responsável pela observação da estrutura do discurso, ou seja, é a etapa em que outras situações da série e as marcas linguísticas serão importantes para a pesquisa do enunciado em pauta. Aqui, vê-se não só o contexto, mas a língua exercendo um significativo papel na análise, mostrando que a língua não deve ser obliterada dos estudos, já que o Círculo coloca que

A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua. (VOLÓCHINOV, 2017 [grifos do autor], p.224)

E, por fim, a interpretação trará o que as marcas linguísticas deixam ver no contexto em que o enunciado foi gerado, ou seja, como afirma Sobral (2008), a soma das duas etapas anteriores. Alinhado ao pensamento de Bakhtin e de seus pares, mostra-se que a comunicação discursiva só pode ser compreendida se ligada a um contexto, a uma situação concreta, conforme assegura Volóchinov (idem).

Em consonância com a proposta de Sobral (2006), também serão consideradas as marcas linguísticas e enunciativas na análise, apresentadas por Giacomelli e Sobral (2016). Nesse sentido, é importante enfatizar que

No âmbito da concepção dialógica, é a união entre significação (elemento do nível da língua) e valoração (elemento do nível da linguagem) que cria sentidos nas circunstâncias históricas e sociais dadas de cada enunciação. Essa união faz que as chamadas 'marcas linguísticas' sejam entendidas nessa teoria como parte da significação, no nível da língua, enquanto a colocação em discurso dessas marcas, ou seja, a mobilização valorada dessas marcas segundo as circunstâncias de enunciação (que envolve a soma das relações sociais dos sujeitos envolvidos) é responsável pelas 'marcas enunciativas', designação que preferimos a 'marcas discursivas', a fim de enfatizar mais o processo de enunciação, a discursivização, do que o produto enunciado/discurso. (GIACOMELLI E SOBRAL, 2016, p.62)

A metodologia apresentada por Sobral (2008) filia-se aos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin e aponta caminhos possíveis para uma análise dialógica do discurso, pois enfatiza que língua e o contexto não devem ser ignorados no processo de análise. Pensando nos objetivos desta pesquisa – analisar o sentido e a valoração da palavra *certo* em enunciados presentes na série *Irmandade* -, tal método se apresenta como um importante recurso de análise.

A seguir, se contextualizará a série *Irmandade* e, posteriormente, será apresentada a análise dos enunciados, os quais estarão separados por episódio, isto é, na ordem em que aparecem em *Irmandade*.

2.3.1 Da Netflix até a série *Irmandade*: um passo antes da análise

É de conhecimento geral de que atualmente as plataformas streaming vêm sendo opção para consumir séries e filmes. A Netflix, uma das maiores prestadoras deste serviço, apresenta variedade no seu público de assinante (dados já apontados na introdução) e, mesmo assim, pensando no projeto enunciativo do autor da série, ainda não é possível caracterizar com certeza o interlocutor típico de *Irmandade* baseando-se apenas nos espectadores, pois a plataforma conta com um sistema complexo de operações para fazer a indicação de seus filmes e séries: os algoritmos, que, segundo a Netflix, são um “processo ou conjunto de regras seguidas em uma operação de solução de problemas”.

É importante pensar que os canais da tevê por assinatura se preocupam mais com a audiência do programa que estão oferecendo para seus consumidores, já que seu público não tem a autonomia de escolher qual programa deve ser exibido, bem como o horário que prefere. As plataformas *streaming*, ao contrário, utilizam algoritmos para sugerir as atrações para seu público, que se baseiam na interação que o assinante tem com os serviços da plataforma, o horário em que ele assiste a seus programas prediletos, os aparelhos que usa para isso e o tempo em que assiste. Por isso, a Netflix oferece uma variedade de conteúdos: filmes, séries, programas de TV, documentários, animações e *reality shows*, dentre os quais há obras de produção própria e de distribuição exclusiva, como no caso de *Irmandade*, a qual será comentada a seguir.

A série *Irmandade* tem produção da O2 Filmes e distribuição da Netflix; por isso, só é possível encontrar o conteúdo da série nessa plataforma. A criação e o roteiro são de Pedro Morelli, e a direção da série conta com a contribuição de variados diretores. Seu elenco é formado por Naruna Costa (Cristina), Seu Jorge (Edson), Lee Taylor (Ivan), Hermila Guedes (Darlene), Wesley Guimarães (Marcel) e Danilo Grangueia (Andrade).



Figura 1. Catálogo de *Irmandade*. Reprodução: Netflix

A produção foi lançada na plataforma em outubro de 2019 e, até o momento *Irmandade* conta com uma temporada de oito episódios. A sequência narrativa da obra é desenvolvida em cada um dos episódios, cujos nomes são apresentados na abertura da série e permitem que o espectador deduz a o que será tratado a seguir. Os episódios que compõem *Irmandade* são:

1. O certo é o certo (48 min)
2. Pode confiar (50 min)
3. Tribunal do crime (47 min)
4. Passagem só de ida (52 min)
5. Irmão Ajuda Irmão (48 min)
6. Decisão (47 min)
7. Sangue nas mãos (55 min)
8. Palavra num faz curva (59 min)

Junto ao nome dos episódios, as produções seriadas das plataformas oferecem uma sinopse, um pequeno relato sobre o que trata a obra. A seguir, apresentamos a sinopse¹² dos episódios de Irmandade:

1) O certo é o certo: Cristina (Naruna Costa), em um dia normal de trabalho como advogada do Ministério Público de São Paulo, descobre que seu irmão mais velho, Edinho (Seu Jorge), o qual não vê há 20 anos está sendo torturado no presídio em que está detido. Depois de uma tentativa fracassada de garantir que o irmão não sofresse com tal violência, ela ultrapassa as fronteiras da legalidade e fica nas mãos de Andrade (Danilo Grangueia), investigador policial que trabalha na busca de provas contra o irmão da advogada e sua facção, a Irmandade.

2) Pode confiar: Carniça (Pedro Wagner), braço direito de Edinho no comando da facção, consegue escapar da prisão. Andrade convence Cristina a se tornar advogada da facção para se infiltrar no grupo e descobrir o paradeiro de Carniça. Cristina se vê envolvida em um dilema moral, quem está certo: Andrade ou Edinho?

3) Tribunal do Crime: A facção desconfia que há um delator na organização e convoca uma reunião para descobrir quem é o delator infiltrado. Marcel (Wesley Guimarães) encontra Edinho, seu irmão mais velho, depois de 20 anos sem o ver. Formiga (Leonardo Fernandes) começa a desconfiar de Cristina depois de passar pelo tribunal do crime.

4) Passagem só de ida: Cristina sofre com pesadelos por causa dos últimos acontecimentos. A advogada tenta encontrar informações sobre a nova operação da facção. Marcel quer entrar na Irmandade. Edson volta a ser agredido na prisão. Andrade comanda uma nova operação para apreender Carniça.

¹² A sinopse apresentada não é a mesma oferecida pela Netflix. Julgou-se necessário oferecer uma elaboração um pouco mais detalhada que a habitual, visto os propósitos do trabalho.

5) Irmão ajuda irmão: Darlene (Hermila Guedes) coloca em prática o plano de fuga de Edinho. Andrade perde o comando da investigação sobre a Irmandade. Cristina passa a comandar a escavação do túnel. Carniça é transferido para o mesmo presídio de Edinho, e a facção fica dividida.

6) Decisão: Edson e seus companheiros de cela seguem escavando o túnel. Marcel é detido pela polícia. Cristina entrega para Andrade os planos de fuga da facção. Andrade invade o local de fuga dos detentos.

7) Sangue nas mãos: Os planos da Irmandade dão errado, vários detentos foram mortos, e Cristina é detida. Andrade retoma seu cargo de investigador na Polícia Civil. Ivan é torturado por Olivério (Tavinho Teixeira) na prisão. Cristina planeja outra ação pela Irmandade. Edinho segue internado no hospital e Darlene começa a desconfiar de Cristina.

8) Palavra num faz curva: Edson tem alta do hospital e retorna para a penitenciária. Andrade está em busca de provas contra Darlene. A Irmandade consegue mostrar seu lado da história em rede nacional. Darlene descobre que Cristina é a delatora do grupo. A Irmandade inicia uma rebelião reivindicando por mais direitos para os presos.

Além dessa organização, fazem parte das séries um conjunto sonoro que compreende trilha sonora, normalmente apresentada na abertura da série junto com os créditos da obra, e outras músicas que aparecem durante as cenas em determinados momentos da narrativa, chamadas música incidental. Nota-se que, em *Irmandade*, a trilha sonora é composta, em sua maioria, por músicas do gênero musical RAP e hip-hop, como, por exemplo, “Capítulo 4, versículo 3”, de Racionais Mc’s (1997); Otários fardados, do grupo Pavilhão 9 (1997); e Bem-vindos ao Inferno, de Sistema Negro (1994).

A identidade visual da série é composta por cores mais escuras como o vermelho e preto, e os créditos da obra, que se dispõem ao final de cada episódio, contêm as informações de direção geral, direção de arte, elenco, preparação de elenco etc. A fonte de abertura da série remete a uma parede rabiscada de uma cela de prisão.

As produções seriadas criam sua narrativa, geralmente, através de narrativas visuais, encadeamento entre os títulos, diálogos cotidianos, gêneros primários etc. Os diálogos são escritos pelo roteirista da obra, e é através dele que a narrativa da série é construída.

Em vista de que se trata de uma criação, é importante salientar “a diferença e a tensão entre dois olhares, entre dois pontos de vista” (AMORIM, 2018, p. 96). Nesse caso, vê-se o ponto de vista das personagens criadas e a do criador, o qual tenta captar o olhar da sua criação, bem como totalizar o que cria a partir das suas vivências, perspectiva, valores e problemática (IBIDEM). Sobre isso, é importante frisar que olhar do criador e da criatura não se fundem, pois “não posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir o todo que me define” (IBIDEM).

Voltando especificamente para *Irmandade*, observa-se que o criador da série, Pedro Morelli, concebe as suas personagens – Edson, Cristina e Andrade – não em uma tentativa de lançar seu ponto de vista sobre elas, mas sim na tentativa de captar as vivências de sujeitos como eles com a sua criação. Sabemos que a narrativa é ambientada em dado tempo, o ano de 1994, e espaço - a cidade de São Paulo, o presídio - de modo que é possível apreender os contextos histórico e social que a obra se propõe a discutir.

Os tópicos levantados pela série são variados, e aquele que interessa a este trabalho é a questão que envolve a palavra *certo*, cuja discussão é de ordem moral. As reflexões que serão feitas aqui centram-se nos enunciados de três sujeitos com vivências diferentes, sem a intenção de apontar o “mocinho” ou “vilão” da série, mas sim, a partir desses sujeitos, mostrar concepções variadas a respeito de *certo*.

A seguir, passamos à análise de três enunciados que ocorrem no primeiro episódio da série.

2.4 “O certo é o certo”: Descrição-análise e interpretação

Nesta etapa do trabalho serão apresentadas as análises dos enunciados. Na etapa anterior da pesquisa, optou-se por agrupar as análises por personagem, entretanto, nessa fase final da pesquisa, dada sua maior amplitude, que exige uma melhor organização, julga-se interessante fazer a análise de acordo com o episódio em que cada enunciado é apresentado. É

necessário salientar que em alguns episódios da obra não há o uso da palavra *certo* pelos sujeitos aqui analisados e também que o print dos enunciados não mostra a cena (há uma tela preta) em virtude da política de privacidade da Netflix.

PRIMEIRO EPISÓDIO: O CERTO É O CERTO

Enunciado 1

Cristina: “Eu não sei mais o que é certo”.

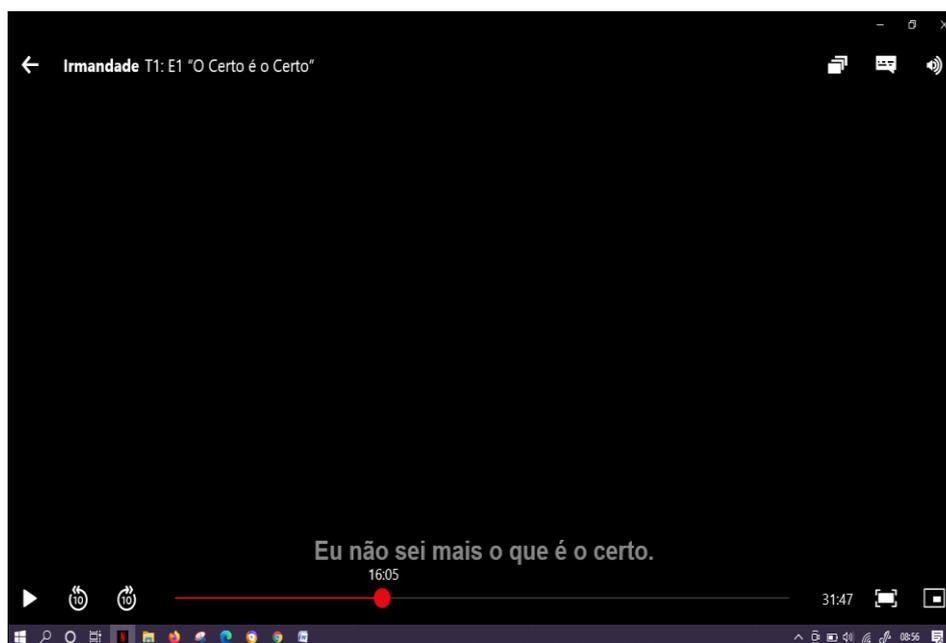


Figura 2. “Eu não sei mais o que é o certo”

Esse enunciado aparece nos primeiros minutos da série. Os sujeitos participantes da interação são Marcel e Cristina - o primeiro, é irmão mais novo de três filhos - Edson, Cristina e ele –, que, com a morte do pai, passou a ser criado por Cristina. Ele é jovem, tem 21 anos e vende cachorro-quente no bairro em que mora com a irmã; o segundo, Cristina, é a irmã do meio, formada em direito e trabalha no Ministério Público de São Paulo. Fica evidenciado na série que o pai foi quem criou os três filhos, mas são Cristina e Marcel que tinham vínculos mais fortes com a figura paterna.

O contexto em que ocorre o enunciado *Eu não sei mais o que é o certo* refere-se ao momento em que os irmãos vão ao cemitério levar flores no túmulo do pai. Diante da lápide, Marcel recorda os ensinamentos passados pelo

patriarca e questiona sua irmã mais velha se eles seriam motivo de orgulho para o pai caso ainda estivesse vivo. O tom na fala de Marcel preocupa Cristina, que lhe pergunta o que estava acontecendo, sendo que ele revela à irmã que engravidou a moça com a qual está se relacionando há pouco tempo e que, por falta de condições financeiras, cogitam interromper a gestação. Em dúvida sobre qual ação devem tomar diante do ocorrido, ele pergunta a opinião de Cristina sobre o assunto, e ela responde com o que o pai sempre dizia aos filhos: *Tem sempre que fazer o certo*. Mas, quando Marcel pergunta a sua opinião sobre o assunto, ela responde: *Eu não sei mais o que é o certo*.

Para a análise, considera-se duas partes: 1) eu não sei mais; 2) o que é certo. Na primeira, destaca-se o verbo “saber”, cujas significações podem ser encontradas no dicionário Michaelis são: “estar informado de, estar a par, ter conhecimento de”, “compreender ou perceber um fato, uma verdade”. Em torno do verbo temos a expressão negativa “não” e o advérbio de intensidade “mais”, portanto “eu não sei mais” tem o sentido de *não ter mais conhecimento de algo que um dia já foi um fato, uma verdade*. Na segunda parte, “o que é o certo”, completa o sentido do verbo saber e tem o verbo “ser” indicando o conteúdo do qual Cristina não tem mais conhecimento. O que se destaca, então, é a oposição entre *ser o certo* e *saber o certo*, o que confere à palavra *certo* um tom de incerteza, de algo desconhecido.

Essa leitura pode ser complementada também através de outro enunciado que é lembrado no diálogo: *Tem sempre que fazer o certo*. O pai, nas poucas vezes em que aparece na trama, sempre é mostrado dando conselhos morais aos filhos, dizendo a eles que devem fazer o certo: *Você tem que fazer o certo* - ou outro enunciado de ordem moral, cujo conteúdo revela a sua posição valorativa diante de *certo*: é o que é, sem a necessidade de grandes esclarecimentos, dado que *o certo* é de conhecimento de todos que vivem em sociedade. Desse modo, o que se vê é que o enunciado de Cristina dialoga com os enunciados do pai, mas em uma relação de dúvida frente a um sentido que sempre lhe fora passado como certeza, como algo óbvio.

É preciso indicar que o pai foi quem denunciou Edinho à polícia, e que o esqueceu depois de ele ser detido, isso só foi possível porque foi Cristina quem encontrou os pacotes de cocaína que o irmão escondia dentro de casa. Desse modo, *Sempre fazer o certo*, enunciado retomado pelos filhos ao lembrar do que

o pai falava, pode ser compreendido, a partir da sua ação quando da denúncia e da fala de Marcel no momento de interação que se está analisando: *Sempre respeitar as regras, as leis: denunciar crimes, trabalhar honestamente; namorar, noivar e casar*. Dessa forma, a valoração de *certo* para Cristina, até então, estava filiada a esse sentido, principalmente se for considerado que ela é advogada do Ministério Público e, portanto, honrar as leis, as regras, segui-las é um dos seus princípios.

O desconhecimento do que é o *certo* por parte de Cristina também pode ser explicado por outros fatos. No início da série, há uma cena em que ela tem um pesadelo com o dia da apreensão do irmão e acorda assustada com aquela lembrança. Tal cena evidencia que ela carrega culpa pelo irmão mais velho ter sido agredido quando foi detido, visto que a denúncia só foi possível porque foi ela quem encontrou pacotes de cocaína na casa em que moravam e contou ao pai, resultando na denúncia do patriarca, pois ele considerava ser necessário fazer “o certo”, ou seja, denunciar um crime, mesmo que o delatado fosse o próprio filho.

Outra cena mostra que Edinho, depois de ser preso por porte de drogas, está, 20 anos passados, ainda em regime fechado, pois acumulou crimes que foram comandados de dentro da prisão, tendo, em sua ficha criminal, várias acusações por homicídio. Em um julgamento acompanhado por Cristina, Edson, diante do juiz e do promotor, expressa sua posição referente ao sistema judiciário quando questionado se é o líder da facção Irmandade, respondendo que, como preso, é tratado como bicho, sendo o sistema a real facção criminosa, pois a Irmandade existe para lutar pelos direitos dos presos. Também acusa Olivério, diretor do presídio, de tortura, mas, apesar dos seus relatos, as autoridades presentes não se mostraram sensibilizadas com suas denúncias, centrando apenas em conduzir a acusação contra ele direcionada.

Diante disso, entende-se que, a partir dos ensinamentos passados pelo pai e como uma bem-sucedida advogada do Ministério Público de São Paulo, Cristina esperava que o *certo* se fizesse cumprir: o Estado deveria proteger o cidadão, o preso desde a sua apreensão até a condenação. Assim, no momento da interação que aqui é analisada, seu enunciado revela as contradições entre o que sempre ouviu e o que vivenciou no julgamento, fazendo com que *certo*

passa a ser algo indefinido, instável, objeto de incertezas, de dúvida e mesmo de oposição.

Enunciado 2 – Andrade: *Potencial para fazer o que é certo.*

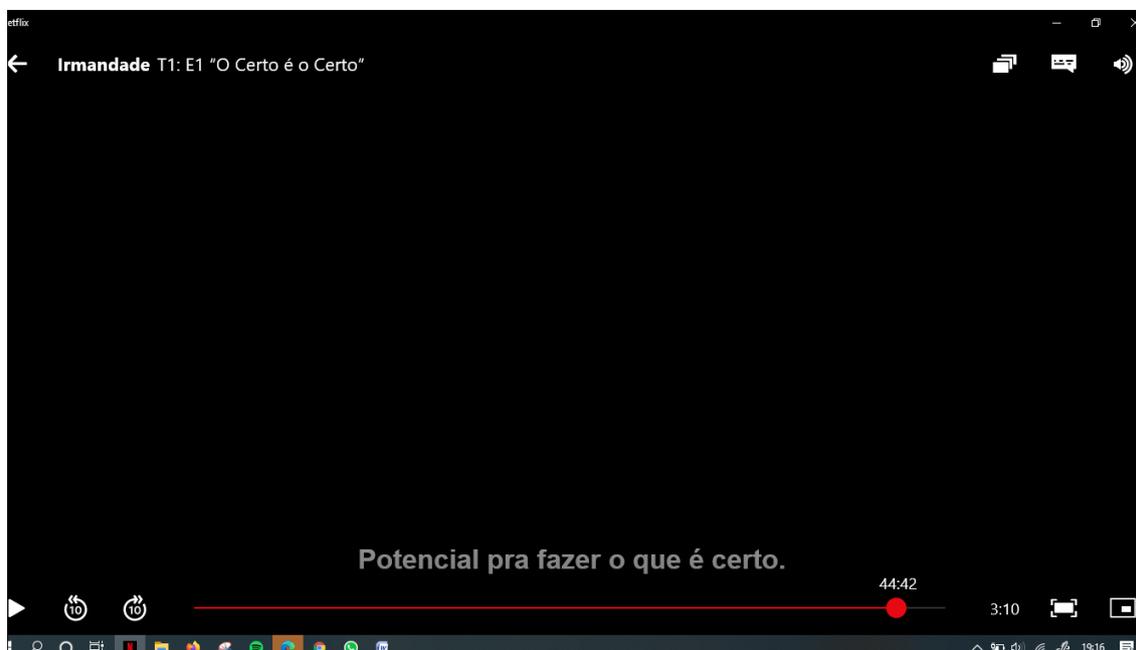


Figura 3. "Potencial para fazer o que é certo"

O segundo enunciado, *Potencial para fazer o que é certo.*, ocorre entre Andrade e Cristina. Ele é o investigador policial que trabalha para desarticular a facção Irmandade, mas um profissional que se vale de métodos ilegais para atingir seus objetivos. Cristina, por outro lado, nesse momento do episódio, não tem mais a posição de advogada do Ministério Público, pois foi detida depois de falsificar um documento público. Aqui, a relação entre Andrade e Cristina é de subordinação: o policial aproveita a frágil posição de Cristina diante do sistema judiciário para avançar em suas investigações, prometendo a ela apagar de sua ficha criminal o crime em que está respondendo, isentando-a de qualquer penalização em caso de colaboração.

A situação em que ocorre o enunciado é a seguinte: depois de tentar garantir que Edinho não fosse mais torturado na prisão por meio de um pedido de ajuda a uma promotora do Ministério Público de São Paulo, local onde trabalha, e não tendo sido atendida, Cristina apela a métodos ilegais para assegurar esse direito ao irmão. Entretanto, como consequência, ela é presa e

acusada de falsificação de documento público. Andrade se aproveita da situação e manda soltar Cristina para propor que ela se aproxime de Edinho, colaborando com as investigações do promotor sobre a Irmandade. A advogada, por sua vez, hesita ante a proposta do policial, alegando que não pode aceitá-la porque Edson é seu irmão e, mais que isso, ela teme pela sua vida, visto que, na facção, delações no grupo não são perdoadas, culminando na execução do delator. Andrade diz, então, que vê muito potencial em Cristina, ao que ela rebate: *Potencial pra ser uma rata*, e ele responde: *Não. Potencial para fazer o que é certo*.

No enunciado de Andrade, *Potencial para fazer o que é certo*., vê-se a forma *potencial* que auxilia na compreensão do sentido de *certo*, apontando para a valoração dada à palavra pelo investigador. Em sua significação habitual, *potencial*, de acordo o dicionário Michaelis, pode ter o seguinte significado: “(*potencia + al*) adj. m + f **1** pertencente ou relativo a potência. **2** possível, virtual. sm **1** força total dos meios disponíveis para certo fim. **2** fig. Capacidade de realização”. Considerando o contexto em que foi dito o enunciado, entende-se que o sentido de *potencial*, referindo-se a Cristina, é de que ela tem a capacidade, a possibilidade, de fazer o que é considerado *certo* pelo policial, que dá a esse termo de uma valoração que ressignifica a significação de “meios disponíveis para um fim”. Assim, *certo* aqui é uma das maneiras de levar Cristina a colaborar com a polícia, pois, conforme lhe havia ensinado o pai, existe o *certo*.

No entanto, como cada sentido se dá na interação, na relação entre os interlocutores, o enunciado do pai tinha como tema um ensinamento, que é uma das funções paternas. Nesta, o enunciado do policial tem como tema uma traição. Assim, a valoração dada agora é diferente, pois há um novo projeto de dizer, uma nova intenção, resultado do lugar social do policial, interessado em dismantelar uma facção. Cristina, no entanto, rebate o sentido que é dado por Andrade porque, ainda que tenha formação em direito, ou seja, encontra-se também na posição social de “zelar pelas leis”, tem laços com o irmão, bem como carrega a culpa por ele ter sido preso e se transformado, na “escola da prisão”, em um criminoso mais perigoso.

Dessa maneira, *potencial* já aponta para a interpretação de *certo*. Nesse caso, *certo* está ligado aos interesses do policial como investigador: *certo é a delação, é fornecer informações para auxiliar numa provável acusação contra*

*Edson e os membros de Irmandade, é fazer com que os crimes sejam julgados e punidos é, portanto, fazer com que a lei se cumpra, pelo menos no âmbito da justiça.*¹³

É notável destacar que a interlocução de Cristina que antecede o enunciado analisado corrobora na leitura de *certo* nesse contexto, visto que “rata” se refere à pessoa que trai o grupo. Sendo assim, “potencial para ser uma rata” e “Não. Potencial para fazer o que é certo” apresentam valorações diferentes acerca de certo – na primeira, discorda-se de que delatar o grupo seja uma qualidade; na segunda, delatar tal grupo é a ação que se julga ser cabível.

Nota-se que essa diferença na valoração de *certo*, analisada através dos enunciados esboçados, “Potencial para ser uma rata” e “Não. Potencial para fazer o que é certo” fica evidente no embate apresentado por Andrade e Cristina. O policial, dada a sua posição social, tem como objetivo desarticular Irmandade; Cristina, por sua vez, encontra-se em duas posições que, por muitas vezes, entram em um embate: é irmã de Edinho e advogada

Enunciado 3 - Edinho: *O certo é o certo*

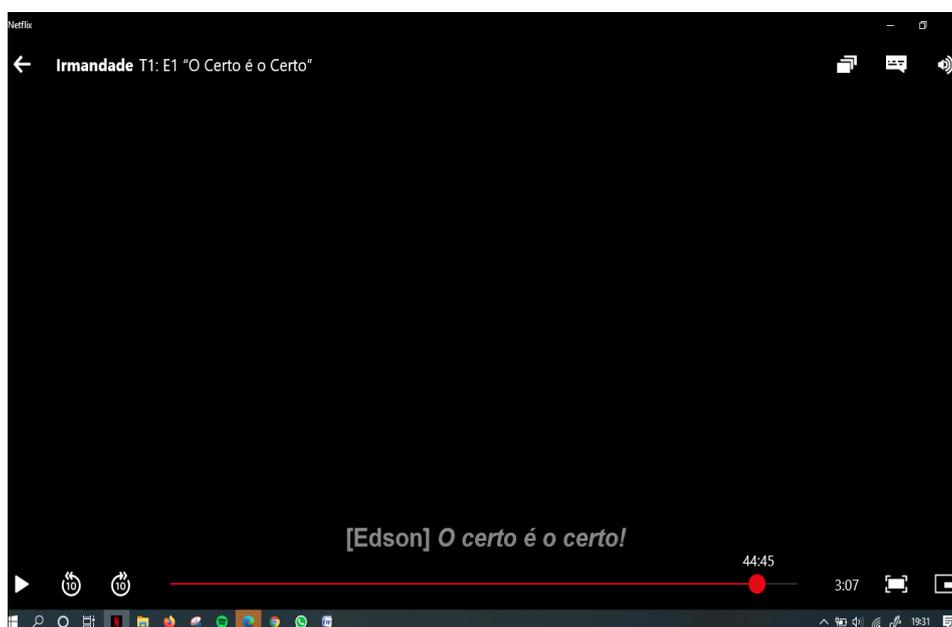


Figura 4: *O certo é o certo*

¹³ Afirmamos “pelo menos nesse âmbito da justiça” porque Andrade é conivente com certas práticas que desrespeitam a lei, por exemplo, ser conivente com a tortura de presidiário, uso de drogas ilícitas e o uso de métodos duvidosos para a condução de suas investigações, como se utilizar de gravação do Disque Denúncia para chantagear o denunciante.

Edinho é presidiário do regime fechado, preso por porte de drogas, e que, durante sua detenção, foi acumulando outros crimes e se tornou líder da Irmandade, facção criminosa que reivindica direitos para os presos e que apresenta expressivo domínio no presídio. Ele é bastante respeitado pelos outros detentos, mas constantemente torturado a mando do diretor do presídio.

Depois de sair da tranca, lugar onde Olivério tortura os presos, Edson resolve chamar novos membros para Irmandade. No pátio do presídio, o líder da facção reúne todos os presos e faz um discurso para que eles conheçam as ideias de Irmandade: lutar por justiça para todos os presos e reivindicar por melhores condições para eles. Ao final de sua fala ele grita: *O certo é o certo!*

Trata-se, então, de uma situação de interação, na qual os interlocutores veem no sujeito que enuncia o seu líder, aquele que comanda, que domina, justamente porque suas ideias são corretas, ou seja, são aceitas como verdadeiras.

Edinho organiza seu enunciado na forma distinta de uma explicação, visto que as explicações se organizam em “x é y”; no entanto, seu enunciado segue a estrutura “x é x”. Nesse caso, então, em *O certo é o certo*, há um argumento de circularidade, o que leva a uma significação já dada. No entanto, nesse contexto, em se tratando de interlocutores que são sujeitos presos em um sistema que não lhes oferece condições mínimas e que um deles acabara de ser torturado, uma prática ilegal, a valoração dada ao termo, embora retome um enunciado já dito antes por outros sujeitos, retoma a ideia de justiça, de não necessidade de se definir o que é o certo. Veja-se que, depois da prelação, Edinho não diz: *Isso é o certo!*, mas sim *O certo é o certo!* Ou seja, não há necessidade de um elemento de retomada de tudo o que ele já tinha dito, porque o que havia falado é valorado como o que se espera para um sistema que, mais que punitivo, se pretende restaurativo. Assim, ao enunciar que essa ideia é a certa, ressignifica o sentido da palavra, valorando-a como um certo da justiça, mas também o nosso (dele e dos demais presos) certo. “Certo”, então, é o lutar pelos seus direitos, aqueles expressos mesmo na noção do que seja um sistema prisional, considerado “certo” por uma sociedade.

Em contexto anterior, nas cenas iniciais do primeiro episódio da série, quando o líder de Irmandade está sendo julgado por um homicídio comandando por ele de dentro da prisão, Edson confessa a existência da facção, afirmando

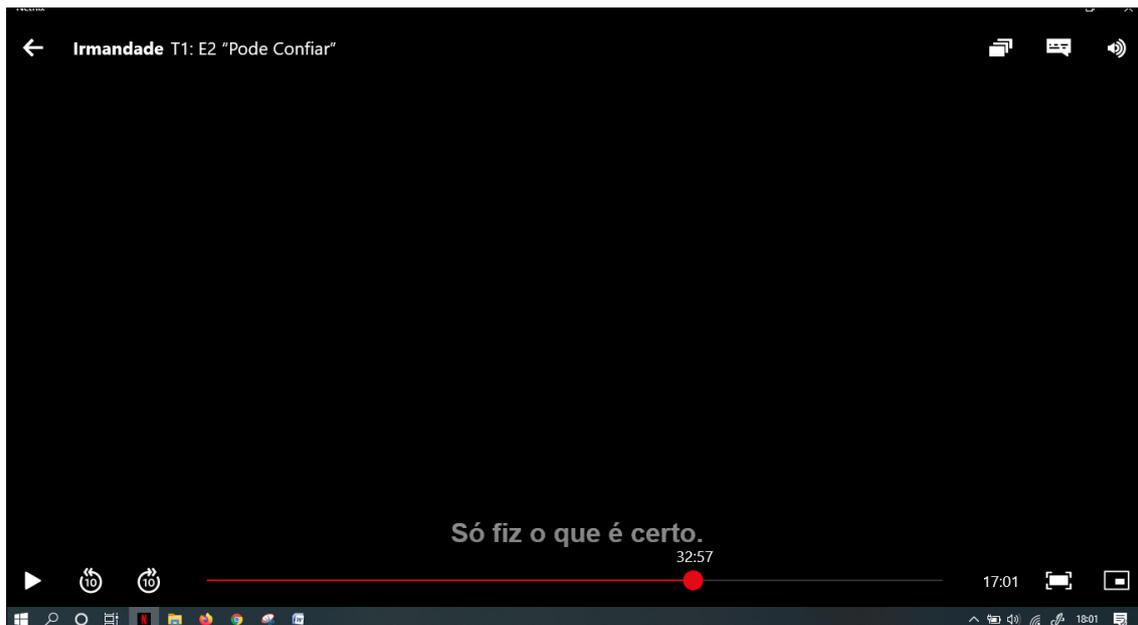
que ela existe “pra defender os direitos do preso contra a opressão de vocês aí” (referindo-se aos juízes, promotores, policiais etc.). Dessa maneira, compreende-se mais sobre a valoração dada a palavra *certo* no contexto enunciativo analisado; assim, *certo* se mostra como *lutar por justiça, reivindicar pelos direitos dos presos, ter lealdade aos irmãos (parceiros de grupo), pensar coletivo*.

A valoração revela, portanto, o tema do enunciado. No contexto de surgimento do enunciado *O certo é o certo*, em que Edinho está “batizando” os novos membros de Irmandade, vê-se que o projeto enunciativo do líder o leva a organizar seu discurso de modo a persuadir seus interlocutores, mostrar a eles que há apenas uma visão, ou seja, uma valoração para *certo*.

Essa visão evidenciada pelo líder de Irmandade mostra também recusa à valoração do pai sobre o *certo* que, cabe lembrar, fez a denúncia que o levou à prisão. Nesse primeiro episódio, aos 43:26m, Edson diz: *Os irmão aqui têm que ter proceder com a família. Trairagem não tem perdão*, que comprova essa leitura porque, em primeiro lugar é possível ver que *família* para ele não é uma noção restrita aos laços sanguíneos, pelo contrário, é *estar alinhado na mesma visão*, como ele próprio fala, e esse fator se soma ao fato de que ele foi abandonado pelo pai depois que se tornou presidiário. O segundo ponto que corrobora a leitura é a questão de *que irmãos não devem se trair*, quem é família não trai, não delata, exatamente o que o pai de Edinho fez com ele.

SEGUNDO EPISÓDIO DA SÉRIE: PODE CONFIAR

Enunciado 4 – Cristina: Só fiz o que é certo.



Este enunciado, dito pela personagem Cristina, ocorre na frente do presídio e tem como interlocutor Ivan (Lee Taylor), agora ex-detento e integrante, a contragosto, da facção. Ivan foi condenado em regime fechado em decorrência da acusação de assalto à mão armada e do assassinato de um vigilante do banco que tentara roubar. Diferente dos demais presidiários, ele não é simpaticamente à ideia de fazer parte de uma organização criminosa, pois para Ivan isso priva mais a sua liberdade.

Cristina, neste momento da série, já foi solta do presídio por Andrade, que vê na advogada uma potente aliada para ter sucesso na investigação do paradeiro de Carniça, foragido do sistema prisional há um ano. Depois de fracassadas tentativas de negar a proposta de Andrade e comovida pela chance de ter novamente sua ficha limpa e poder advogar, a irmã de Edson inicia o plano do policial e, para isso, em uma visita a Edinho, ela o convence de que pode representar a Irmandade. A condição imposta por Edinho é que Cristina, nas palavras dele, *tenha coragem de libertar* dois aliados do grupo que estão em regime fechado.

Convencendo Olivério a assinar os papéis que auxiliarão na libertação de Ivan e Formiga, parceiros de crime, Cristina consegue libertá-los e, ao encontrar a advogada, no lado de fora da detenção, Ivan agradece a ela pelo êxito na sua ação, ao que ela responde: *só fiz o que é certo*, e o interlocutor rebate: *fez o que ninguém mais fez*.

No enunciado em pauta, duas formas linguísticas auxiliam na compreensão do enunciado, “só” em sua função como advérbio e “fiz” forma do verbo fazer. O dicionário Michaelis (2009, p.801), sobre a palavra “só” como advérbio, aponta para o seguinte significado: “apenas, somente, unicamente”; por outro lado, no que se refere à palavra “fazer”, como verbo transitivo direto, aponta para as seguintes significações (p.383): “1. criar, produzir; 2. Fabricar; 3. Construir, edificar (...)”.

Em um primeiro momento, a forma “só”, considerando sua utilização habitual, permite inferir que Cristina está mascarando para o seu interlocutor algo por trás da sua ação e, assim, valorando o enunciado *certo*. Tal forma, acompanhada do verbo fazer no pretérito perfeito do indicativo, geralmente é usada para enunciações que *querem parecer ser menos do que são* e, por isso, algumas vezes dão até um tom humilde na ação do sujeito. Exemplo disso é quando alguém elogia um prato servido em um café, um jantar e quem preparou responde “eu só fiz um bolinho” – nessa situação se vê que o locutor minimiza sua ação diante da reação do outro, mesmo que seja um grande gesto de afeto, um presente significativo, a expressão “só” tende a esse efeito.

Em um segundo momento, considerando que Ivan e Formiga são detentos do regime fechado, integrantes da facção que comanda o presídio no momento, para eles, sair da detenção era quase impossível. Dessa forma, ter liberdade novamente, voltar à sociedade, representa quase algo inalcançável, dada a falta de perspectivas que tem os detentos de que seus direitos sejam preservados. Isso se confirma na resposta de Ivan a Cris: “fez o que ninguém mais fez”. Nesse sentido, “só fiz” também é uma forma de ganhar confiança do seu interlocutor, Ivan e, principalmente, do grande grupo, a facção, mas é, principalmente, uma forma de Cristina justificar para si mesma o que fez, já que para ela ainda se coloca o “certo” abstrato, ou seja, a ideia de que há “um certo”.

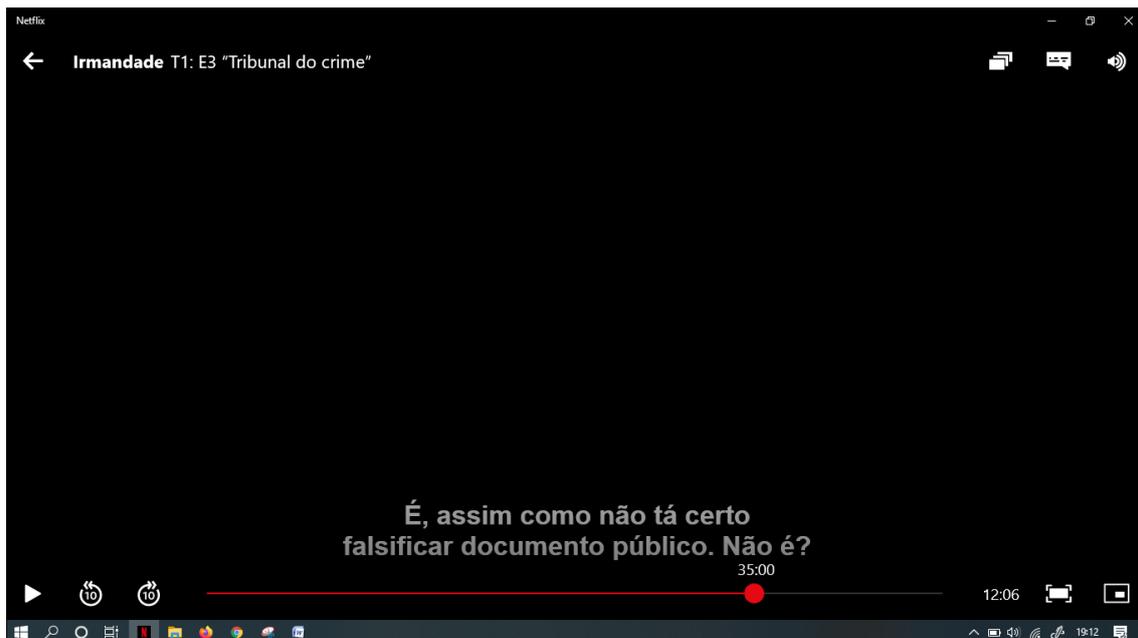
Dessa forma, *certo* tem o sentido de, no momento da enunciação, “executar com sucesso os interesses dos clientes a quem representa”, mas a forma acima comentada não permite ignorar o contexto mais amplo que envolve o enunciado, o qual Cristina tem que se infiltrar no grupo e, mais que isso, ela *ainda não sabe o que é certo* (análise do primeiro enunciado no primeiro episódio). Essa interpretação é possível na ponderação da cena em que a personagem vive um pesadelo onde se encontra em um tribunal e é confrontada pelas vozes do seu

pai, de Andrade e de Edinho cobrando uma posição dela frente à proposta do policial – seu pai o cobra de *ter que fazer o certo*, seu irmão pergunta se mais uma vez irá lhe trair e Andrade argumenta que Edson é bandido, que a Irmandade mata pessoas e ela pode evitar que mais assassinatos ocorram: vê-se que a advogada se sente confrontada pelas posições desses três sujeitos, pois ela sente pressionada a escolher de que lado tem que se posicionar, como tem que agir para fazer o que é o certo.

TERCEIRO EPISÓDIO: TRIBUNAL DO CRIME

Enunciado 5 - Cristina: Isso não tá certo, Andrade. / É, assim como não tá certo falsificar documento público. Não é?





Depois que a polícia encontrou o paradeiro de Carniça, mas não teve sucesso na operação, já que o fugitivo conseguiu escapar, os integrantes da Irmandade estão convencidos de que há algum delator no grupo, e Cristina teme pela sua vida. Assustada, a advogada pede ajuda a Andrade, que age de forma a dar certeza para a organização de que é Formiga o “cagueta” da facção.

Diante disso, Edinho ordena que Cris passe a ordem para que Ivan execute Formiga. Cristina vai até Andrade contestar seu método que colocou a vida de Formiga em perigo, e o investigador diz que não há o que fazer, pois todos são bandidos e se entenderão do modo deles, ao que Cristina responde “Isso não tá certo, Andrade”, sendo rebatida pelo policial civil: “É, assim como não tá certo falsificar documento público. Não é?”

As análises envolvendo Cristina e Andrade expostas até aqui revelam que esses dois personagens mantêm uma relação praticamente de subordinação de Cristina a Andrade porque a advogada se sujeita às ações propostas pelo policial para que sua ficha criminal seja limpa, e assim ela não tenha seu diploma cassado. É notável que os métodos propostos por Andrade não agradam a Cristina porque suas ações revelam a face de um sistema policial e prisional corrupto e falho.

Nos enunciados que envolvem o diálogo desses personagens, a expressão “não tá certo” merece destaque porque é nela em que se encontra o ponto de tensão entre os pontos de vista de Andrade e Cristina. Tipicamente,

quando se utiliza “não tá certo” para alguma ação, quer-se dizer, então, que tal feito está *errado*. Essa dualidade entre o certo e o errado fica evidente nas referências explícitas do enunciado – para Cristina, Andrade errou ao induzir a morte de Formiga por acusação de ser o delator da facção; por outro lado, Andrade, na tentativa de desmoralizar o julgamento de Cris, rebate argumentando que a atitude que ela teve de falsificar a assinatura da juíza do Ministério Público de São Paulo também é uma ação errada.

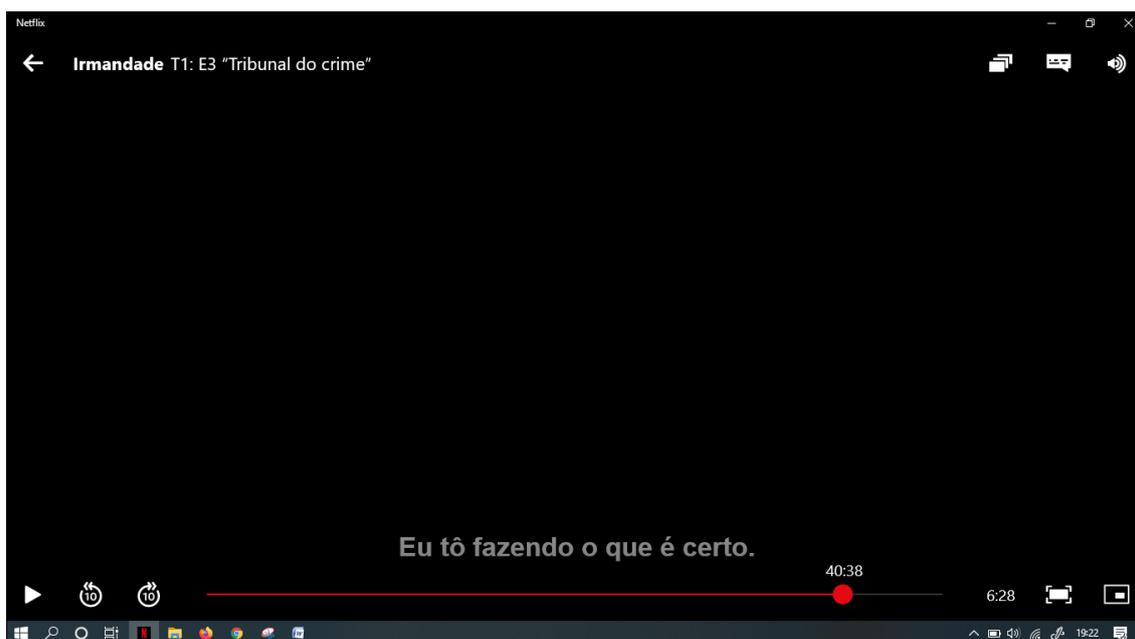
Apesar de os sentidos da expressão “não tá certo” em ambos enunciados, quando visto cada um em seu contexto eles apresentam particularidades em virtude do sujeito que enuncia. Primeiramente, quando Cristina diz *Isso não tá certo, Andrade*, estamos diante de uma questão moral, pois a personagem sabe que a verdadeira delatora do grupo é ela; então, ver sem fazer nada outro sujeito sofrendo as consequências de uma ação que não cometeu não é ético.

É necessário recordar que Cristina é formada em direito e foi criada pelo pai, cuja figura, como visto também em análises anteriores, baseava-se em certos princípios morais para conduzir a educação dos filhos – “sempre tem que fazer o certo”, ou seja, nunca agir guiado por atitudes ilícitas.

Em segundo lugar, quando Andrade diz: “É, assim como não tá certo falsificar documento público. Não é?”, o que vemos não é um sujeito policial dando lição de moral ao seu interlocutor, mas sim *utilizando* a ação errada de sua interlocutora para colocá-la na mesma posição que ele, de alguém que também já errou com a lei, que não tem condições de dar lição de moral a ninguém. Afirmamos que Andrade não parte da posição esperada de um policial diante das leis porque ele mesmo não se mostra como exemplo de agente da lei, visto seus métodos duvidosos (como em discussão na cena) para conduzir sua investigação. Outra função do enunciado de Andrade na interlocução também é de lembrar Cristina de sua condição diante dele.

Em síntese, *certo* tem o sentido de “cometer ações imorais e ilegais”, é o contrário do que se considera *certo*, o errado, e isso fica evidente nos enunciados de ambos os personagens, Andrade e Cristina, quando esta diz que a atitude feita pelo policial não está certa, então ela está errada; quando aquele diz que a falsificação de documentos públicos não é certa, ele também afirma que a atitude de Cristina foi errada. Assim, vemos que o *certo* para um não é o certo para o outro.

Enunciado 6: “Eu tô fazendo o que é certo”.

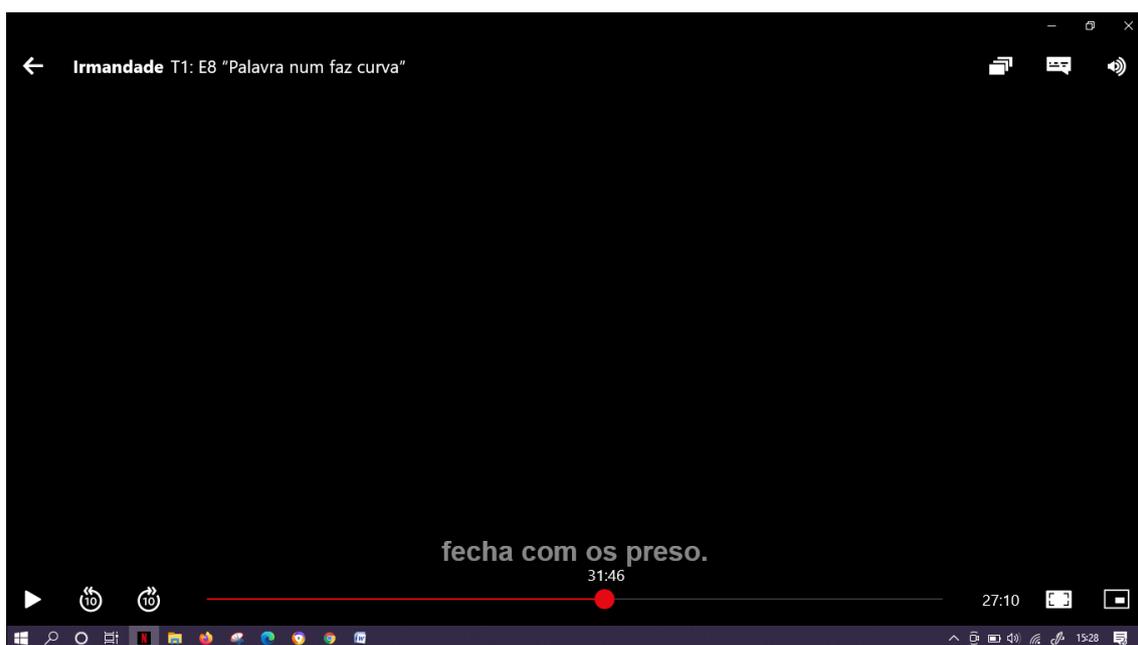
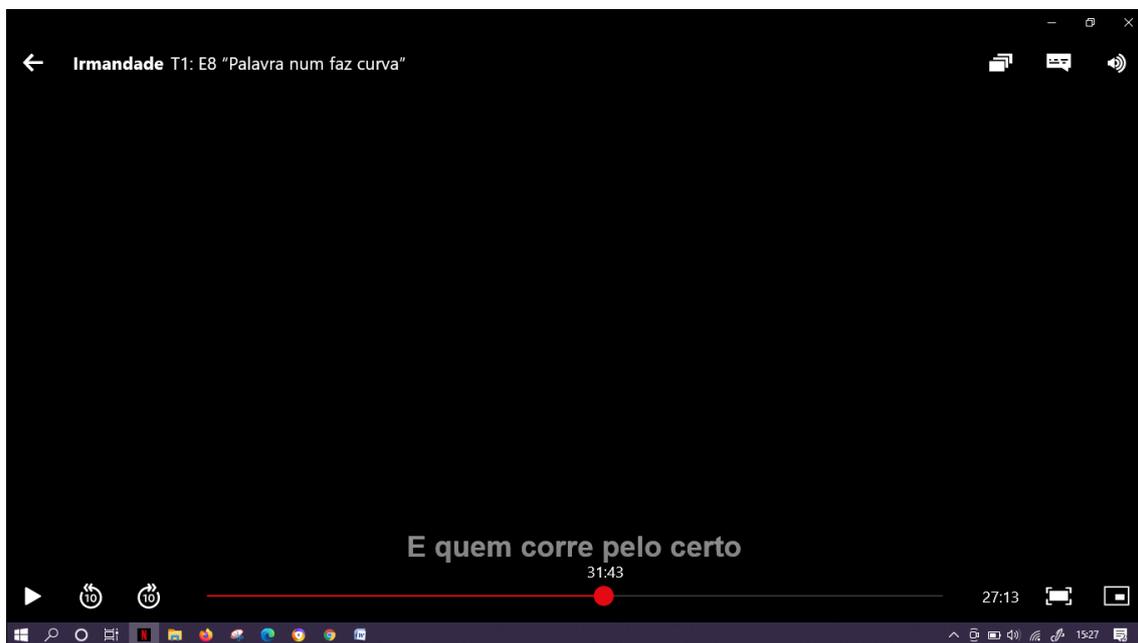


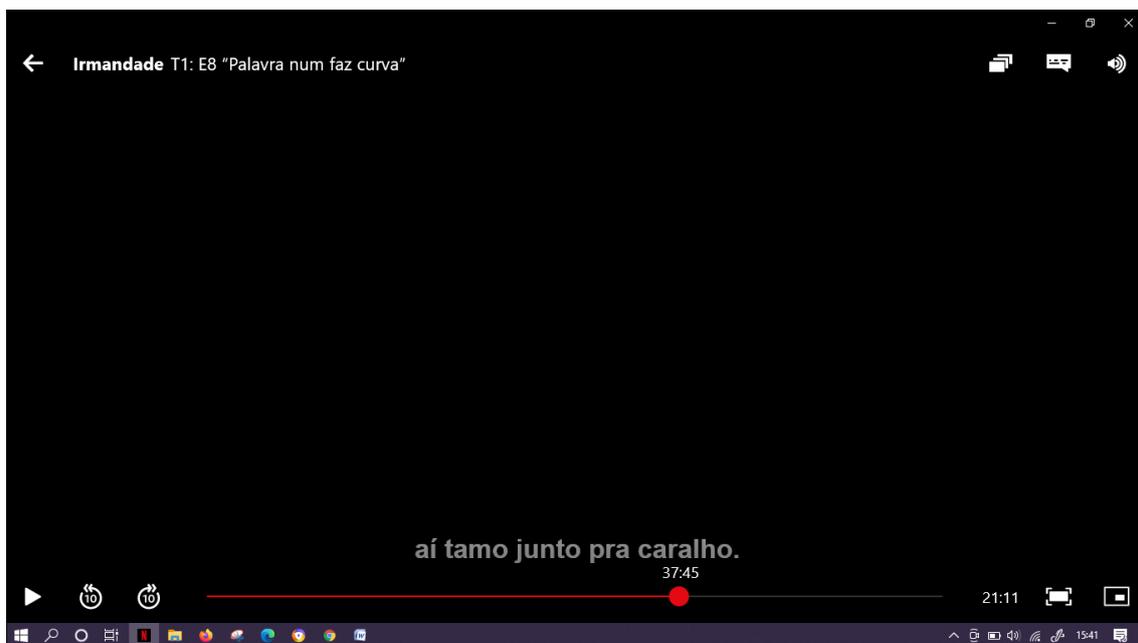
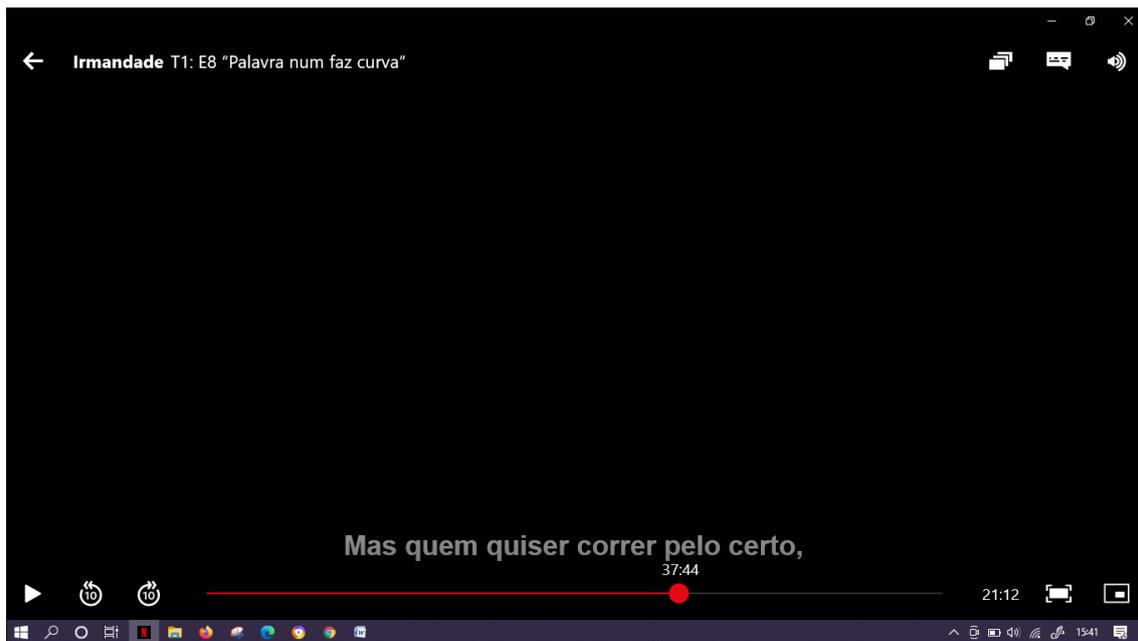
Depois de passar o recado de Edinho para executar Formiga a Ivan, Cristina corre para alertar o suposto delator de que ele seria executado caso não fugisse a tempo. Formiga desconfia da atitude de Cristina, principalmente porque, no julgamento da facção para encontrar o delator do grupo, ela mentiu para os líderes da Irmandade quando foram levantadas suspeitas contra ele, o que livrou Formiga da condenação. Após refletir rapidamente sobre a situação, Formiga questiona Cristina sobre o porquê de ela estar fazendo isso (avisando-o da ordem de execução), perguntando também como ela tinha certeza de que não ele é o infiltrado no grupo, ao que ela responde: *eu tô fazendo o que é certo*.

Aqui, o sentido de *certo* dialoga com os enunciados da análise anterior, pois sabemos que Cristina foi contra a atitude de Andrade em colocar Formiga como o traidor do grupo. Novamente se coloca o senso de justiça da advogada, ainda ligado a uma noção abstrata do que seja o certo. Dessa forma, “fazer o certo é agir de forma que Formiga não seja punido injustamente, pagando por um ato que não cometeu”.

OITAVO EPISÓDIO: Palavra num faz curva

Enunciado 7 – Edinho: “E quem corre pelo certo fecha com os preso”





Entre o segundo e o oitavo episódio da série, que é o último, muitos fatos se desenvolveram na série Irmandade, e um dos momentos da obra que tem andamento nesse ínterim é o plano de fuga dos membros da Irmandade, que se apresenta nos primeiros episódios, objetivo pelo qual a organização traçou o plano para retirar Carniça da prisão. Depois da saída de Carniça, fundador ao lado de Edson de Irmandade, ambos começaram a ter conflitos, a ponto daquele criar outra facção rival.

Para Olivério, diretor do presídio em que se passa a série, a briga entre Edson e Carniça é vantajosa. Então, depois que Andrade consegue encontrar e deter Carniça, depois da delação de Cristina, o diretor da instituição coloca os antigos parceiros de volta no mesmo presídio na expectativa de algum conflito maior.

A tentativa de fuga de Edson e seus parceiros não teve êxito, principalmente porque Cristina, novamente, juntou-se a Andrade. Na ocasião, quando descobertos pela polícia, vários detentos foram assassinados e outros, com sorte, apenas feridos, incluindo Edson.

Quando estava na enfermaria do presídio, Edinho estava ciente de que Carniça tinha a intenção de feri-lo. Além disso, o ex-sócio de Edinho teve a ajuda do diretor do presídio, Olivério, que nunca escondeu sua aversão a Edinho.

A partir disso, após conseguir apoio de alguns parceiros de grupo, Edinho sai da enfermaria, chama Carniça no pátio do presídio, e os demais detentos se preparam como se fossem para uma batalha. É nesse contexto que ocorre o enunciado que aqui será analisado: *E quem corre pelo certo fecha com os preso.*

Para auxiliar na compreensão do enunciado, vamos transcrever a fala de Edinho. Ao chegar no pátio da prisão, Edinho grita, referindo-se a Carniça: *Tem covarde nesse pátio*, depois segue: *O frouxo não teve coragem de ele mesmo vir me matar. Esse filho da puta desse sem futuro aí ó tá fechado com os verme e com os cabeça branca. E quem corre pelo certo fecha com os preso.*

Sabe-se que Carniça e Edson entraram em conflito e que o primeiro se aliou ao diretor do presídio com o objetivo de derrotar Edinho, agora seu rival. No contexto do enunciado em análise, o líder de Irmandade, referindo-se à Carniça diz que ele está fechado com “os verme” e “os cabeça branca”, ou seja, com os carcereiros e o diretor do presídio.

Na primeira análise do enunciado de Edson, em “o certo é o certo”, vimos que o princípio basilar de Irmandade é a luta pelo direito dos presos, é a ciência por parte desses sujeitos que, frente ao sistema judiciário e carcerário bem como a sociedade em geral, eles não têm valor, não têm voz, são marginalizados.

Dessa forma, no enunciado em pauta interessam duas expressões linguísticas que nos encaminham para a compreensão de “quem corre” e “certo”.

É possível depreender nesse contexto que o “quem” a que se refere o líder de Irmandade está restrito apenas aos sujeitos apenados, visto que, como

dito anteriormente, e tendo ciência do contexto social e cultural em que se insere esse grupo, é uma parte da população invisibilizada, mesmo por setores em que se ocupam dela. Portanto, é possível compreender que “certo”, aqui, também pode ter um sentido de “lutar pelos direitos”.

Dessa forma, “o certo” adquire o sentido de “posicionar sua visão de mundo como sujeito preso, lutando ao lado dos seus semelhantes pelos seus direitos, por justiça”, pois só quem fecha com os presos são os presos e os “cabeça branca”, como visto nesse contexto, nem sempre estão interessados no bem-estar dessa população.

Essa compreensão de “certo” se repete em outro enunciado que aparece no mesmo episódio e dentro da situação em que se insere *E quem fecha com os preso corre pelo certo*. Trata-se do enunciado: *Mas quem quiser correr pelo certo, aí tamo junto para caralho!*. Depois que Edson chama Carniça, eles começaram uma briga no pátio da prisão, tendo como desfecho a morte do último.

Após esse acontecimento, os demais detentos iniciaram um certo conflito, que foi parado por Edson ao explicar a eles que os “vermes opressores”, assim como Olivério, desejam que eles matem uns aos outros, mas que juntos os detentos formam um bom exército, por isso deveriam se unir. Dito isso, ele finaliza a sua fala dizendo: *Quem quiser bater de frente, vai morrer. Vai morrer. Mas quem quiser correr pelo certo, aí tamo junto pra caralho!*

Por outro lado, ainda é possível entender que *certo* adquire o sentido de “fazer a coisa certa”. Isso porque a expressão “correr pelo certo”, em que o verbo correr tem o sentido próximo de “corrida”, seria utilizada para se referir a “andar pelo certo”, “ir pelo caminho certo” pode ser compreendido com esse sentido.

3. “PALAVRA (NUM) FAZ CURVA”? CAMINHOS PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos enunciados presentes na série *Irmandade* nos apontou três valorações possíveis para a palavra *certo*. A partir das enunciações dos personagens Cristina, Andrade e Edson, vemos:

1. a palavra *certo* como *dúvida*, visto que os resultados das ações advindas de importantes referências, que ofereciam a Cristina uma concepção antes inquestionável de certo, mostraram-se falhas: o pai,

que, ao denunciar o filho, não deu chances a ele de seguir o caminho “certo”; e o Estado, que através da figura do policial e do diretor do presídio, bem como da promotora que não ajuda Cristina, não garante a segurança dos apenados, não cumprindo, inclusive, o que é previsto em lei – o artigo 5º da Constituição Federal prevê a igualdade, sem distinção, de todos perante a lei, assim como a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade, à segurança e à propriedade. Além disso, no inciso III do referido artigo há a garantia de que nenhum cidadão pode ser submetido à tortura ou à situação desumana.

2. *certo* sendo valorado como *uma ação necessária para fazer justiça*, proteger o cidadão de bem e punir “bandidos”, não necessariamente todos que não seguem as leis. Essa leitura é possível diante as práticas de Andrade, personagem que espera a cooperação de Cristina na punição dos integrantes da facção Irmandade, já que ela, como advogada, tem a possibilidade de se infiltrar na Irmandade e passar informações a ele;
3. para Edinho, a palavra *certo* tem o valor de *lutar pelos direitos dos sujeitos presos*, ou seja, há a busca de ações que façam valer o que já é determinado por lei (garantia que todos sejam tratados de forma humana), além da busca do que seria um sistema prisional ideal. Assim, *certo* se relaciona em ter a consciência de qual lugar os detentos ocupam na sociedade e dos direitos que lhes são previstos em lei.

A valoração da palavra para cada um dos personagens analisados relaciona-se com o primeiro enunciado que aparece na série fazendo referência a *certo*: *Tem que fazer o certo*, dita pelo pai de Cristina e Edson, cuja valoração, apontada na primeira análise desse trabalho, é *sempre respeitar as regras, as*

leis: denunciar crimes, trabalhar honestamente; namorar, noivar, casar e depois ter filhos. É seguro afirmar que o ponto de vista apresentado pelo pai revela um pensamento influenciado pelo discurso dominante, o qual, como aponta Volóchinov (2017), tem como atribuições apagar ou ocultar a luta de classes e outras avaliações no signo ideológico. Assim, é o discurso que vem das classes dominantes, as quais buscam ditar como todo o conjunto da sociedade deve agir conforme os seus interesses e que através de seus meios, principalmente as instituições, faz com que o que for diferente e contra os seus interesses seja denominado como *erro*.

Afirmando isso é possível assegurar que são as diferentes visões de mundo e vivência dos sujeitos que revelam, a partir dos enunciados ditos que se relacionam com todos os enunciados já ditos antes, os embates que são inerentes a todo e qualquer modo de se referir à realidade. Isso é justamente a valoração, que determina o modo como os sujeitos dão sentido não só as palavras, mas às suas vivências, sempre sociais e, portanto, dialógicas.

Mas, para se determinar a valoração da palavra, é preciso que se compreenda o contexto em que os enunciados são ditos, quem são os sujeitos envolvidos na enunciação, ou seja, quem diz o quê a quem em uma determinada circunstância. É necessário, ainda, entender por que o locutor diz o que diz, considerando seu interlocutor e a sua resposta, bem como os papéis sociais de cada um, que o levam a organizar seu dizer em função do todo da interação verbal. Chega-se, então, à palavra que, se por um lado demanda uma análise da língua em seu aspecto formal, por outro, deve ser vista como parte de um enunciado concreto, o que vai lhe dar o sentido.

Na análise foi possível perceber que a mesma palavra para um mesmo sujeito, no caso personagem, pode ter mais de um sentido assumido. Cristina, por exemplo, demonstrou isso quando na interlocução com Andrade em “Potencial para fazer o certo” *versus* “Não. Potencial para ser uma rata” ela se opõe em se infiltrar na facção Irmandade. Já em outro momento, quando enuncia “Eu só fiz o que é certo”, ela assume essa função como delatora.

Outro ponto que a análise mostra é a importância que o interlocutor tem na valoração da palavra e os exemplos citados acima corroboram isso. O *certo* que Cristina valora com Andrade se difere do sentido de *certo* dito para os

membros da facção. Essa situação é um dos indicadores de que a valoração é um ato irrepetível, que se atualiza a cada dizer, a cada contexto.

A valoração atribuída por cada personagem se relaciona diretamente com a sua posição social e, no caso de Cristina, Andrade e Edinho, elas dão espaço para que pensemos no sistema judicial e prisional dentro da realidade do Brasil.

Em primeiro lugar, temos um sujeito negro (representado na figura de Edinho), que é detido por porte de drogas e que 21 anos depois da sua prisão comanda uma grande facção – aqui a gente vê a representação da realidade do sistema carcerário: um lugar em que mais da metade¹⁴ da sua população é negra, um sistema que em nada garante a ressocialização dos sujeitos apenados e que, além disso, expõe essas pessoas a condições desumanas.

Em segundo lugar, através de Cristina, vemos as falhas que o sistema judiciário apresenta. Baseada no que é previsto em lei, a advogada tenta garantir ao irmão apenas o que a Constituição Federal assegura: nenhum sujeito, sem qualquer distinção, pode ser torturado. Sem sucesso, ela apela para métodos ilegais para conseguir a garantia de proteção do irmão e é presa porque desobedeceu à lei. Então, em razão da punição aplicada a ela, Cristina se vê subordinada a Andrade, policial civil, que promete limpar a ficha da irmã de Edson caso ela colabore nas investigações contra o grupo liderado por Edinho. Uma das falhas que fica explícita nessa situação é a falta de equidade do sistema judiciário, pois a lei é válida para uns e não para outros¹⁵.

Em terceiro lugar, através de Andrade, vemos um policial ciente dos privilégios que tem em razão da sua posição – homem e branco – e ignora totalmente a lei na condução de suas práticas profissionais: participa de sessões de tortura contra presidiário, utiliza gravação de Disque denúncia para ameaçar testemunhas e executa cidadãos sem nenhuma condição de defesa. Aqui

¹⁴ Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. **Portal g1**, 19 out 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoas-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>. Acesso em 05 fev 2022.

¹⁵ No primeiro episódio da série, por exemplo, Edson, quando estava sendo julgado no tribunal, denuncia para os juízes e promotores as torturas sofridas, indicando os nomes de Olivério, diretor do presídio e Andrade como os torturadores, entretanto nenhuma ação de investigação ocorreu para apurar o caso.

podemos pensar sobre o sistema policial, o qual, assim como outros aparelhos do Estado, mostra falhas, principalmente no que se refere à principal função da polícia – garantir o cumprimento das leis.

No geral, vemos *certo* sendo discutido em um espaço que é o da justiça, em que se deve fazer valer o que é o *certo ditado pelas leis*. Entretanto, esse *certo* surge de lugares, posições e reflexões de sujeitos distintos e complexos, com vivências que o permitem em ter como *certo* não aquilo que é dado, mas sim aquilo que é construído ao longo de suas experiências cotidianas e a realidade que os cerca.

Pensando no contexto social em que a Irmandade surge, as reflexões propiciadas pela pesquisa a partir da série vem em um momento de grande efervescência política, no qual discursos polarizados, por vezes intolerantes, em relação a diferentes posições ideológicas, colocam em xeque o discurso que se apresenta como neutro no debate de pautas importantes para o enfrentamento de problemas do país.

Desde 2015, posicionar-se politicamente no Brasil é sofrer riscos, é estar sujeito a sofrer qualquer tipo de agressão por falar. Em meados de 2018, esse estado de tensão começou a se agravar e discursos conservadores, de extrema-direita, passam a ecoar pelo país. Pensando nesse contexto social e histórico, a série, ao colocar diferentes interlocutores – aquele que representa o discurso hegemônico (o pai), o presidiário em regime fechado, o investigador policial duvidoso e a advogada – discutindo a questão sobre o que é *certo*, destaca-se por ser uma forma de não se isentar do debate político travado no país ao apontar que *o seu certo pode ser diferente para o outro*, pois essa não é uma questão de olhar “torto” para a realidade, mas sim a forma mesma que o debate deve acontecer, partindo de vivências, de distintos centros de valor e diferentes posições ideológicas.

Por fim, ressaltamos a importância do olhar desconfiado e dialógico para todo enunciado que se autoneia como *neutro*. Ser dialógico é considerar o outro no processo de compreensão, é observar outras realidades para compreender o que nos rodeia, é dialogar com o coletivo e não considerar que há a existência de apenas uma realidade ou uma verdade, principalmente quando vivemos em uma sociedade plural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, Sabrina; GIACOMELLI, Karina. O diálogo em redes sociais: o acento valorativo das palavras e o sentido dos enunciados. **Revista Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v.06, n.02, jul.dez. 2017, p. 100-118. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/2680/1461>.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, 34, 2016 [1952].

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BENTHAM, Jeremy. **O panóptico**. Trad. de Guacira Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral II**. Trad. de Eduardo Guimarães, et. Al. Campinas, SP: Pontes, 1989.

Bíblia, Antigo testamento. Gênesis. In: Bíblia sagrada. Antigo e novo testamento. Trad. De Joseph Smith. Eua: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias Salt Lake City, 2015.

BIGOLI, Paula dos Santos; BEZERRO, Eduardo B. Eustachio. **Facções criminosas: o caso do PCC – Primeiro Comando da Capital**. Colloquium Humanarum. V. 11, n. 3, p. 71-84, 2014. Disponível em: <http://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1209>. Acesso em: 11 de nov. 2020.

Bolsonaro presidente: As propostas com as quais Jair Bolsonaro se elegeu Presidente do Brasil. **BBC Brasil**, 28 out, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46012309> . Acesso em: 20 out 2020.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 1994, p.11-27.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 28 jan. de 2022.

CARVALHO FILHO, Luis Francisto P. **A prisão**. São Paulo: Publifolha, 2002.

CEREJA, Willian. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHIAVERINI, Tatiana. **Origem da pena de prisão**. Orientador: Oswaldo Henrique Duek Marques. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

Consumidor da Netflix é mais jovem, mas mais pobre que assinante de TV paga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 01 ago 2018. Telepadi. Disponível em: <https://telepadi.folha.uol.com.br/espectador-da-netflix-e-mais-jovem-mas-mais-pobre-que-assinante-de-tv-paga-aponta-estudo/>. Acesso em 20 out 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Editora Parábola, 2009.

_____. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. **Círculo de Bakhtin: pensamento interacional**. In: PAULA, Luciana de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). Campinas, SP: Editora Mercado de Letras, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Editora Parábola, 2013.

FIORIN, José Luís. **Introdução ao pensamento do Círculo de Bakhtin**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Trad. de Raquel Ramallete. 42ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

GUERRAS do Brasil. Luiz Bolognesi, Netflix, 2019. 130 minutos

HOFF, Rafael. Narcotráfico na tela: ficções seriadas brasileiras e a marginalidade representada. **Revista Tropos: Comunicação, sociedade e cultural**, v.09, n. 1, julho de 2020.

JAGUARIBE, Beatriz. Ficções do real: notas sobre as estéticas do realismo e pedagogias do olhar na América Latina contemporânea. **Revista Ciberlegenda**, n.23, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36649>. Acesso em 15 ago 2020.

Leia a íntegra do estatuto. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 mai. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/25/cotidiano/30.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Michaelis: dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MUNIZ, Jacqueline de Oliveira; MACHADO, Eduardo Paes. Polícia para quem precisa de polícia: contribuições aos estudos sobre policiamento. **Cadernos CRH**, Salvador, v.23, n.60, p.437-447, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccrh/v23n60/v23n60a01.pdf>. Acesso em 15 out 2020.

MUSSALIN, Fernanda; MENDONÇA, Marina. **Apontamentos acerca da crença na neutralidade do discurso: em pauta a problemática da produção de sentidos**. Coleção Mestrado em Linguística, v.3, 2008.

Netflix nació hace 20 años porque a sus fundadores les dio pereza devolver 'Apolo 13' ao videoclub. **El país**, 14 mar 2018. Verne. Disponível em: https://verne.elpais.com/verne/2018/02/28/articulo/1519808873_165715.html.

Acesso em: 14 jan. 2021.

O código de Hamurabi. Traduzido do português por <https://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/hamur.html>. Acesso em 04 dez de 2020.

OLIVEIRA, Fernanda Amaral de. Os modelos penitenciários no século XIX. **Revista Virtú – ICH, Juiz de Fora**, v. 6, n.2, s/p, 2017. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/virtu/edicoes-anteriores/sexta/>> Acesso em 20 jan. de 2020.

PEREIRA, R. A; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do Círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, Sc, v.14, n.1, p. 177-194, jan-abr, 2014. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2423/1713. Acesso em 12 jan. 2021.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; BRAIT, Beth. Revisitando o estatuto dialógico da palavra-enunciado. **Linguagem em discurso**, Tubarão, v.20, n.1, p.125-141, 2020. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupeg/issue/download/215/17.

PINHEIRO, Anna Flávia Ribeiro. O sistema carcerário como obstáculo à ressocialização do preso. **Âmbito jurídico**, São Paulo, n. 161, 2017. Disponível em <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-penal/o-sistema-carcerario-brasileiro-como-obstaculo-a-ressocializacao-do-presos/>. Acesso em 21 out 2020.

PIRES. Vera Lucia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**, v.16, n. 32-33, 2002. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782>. Acesso em: 16 out 2020.

Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. **Portal g1**, 19 out 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoas-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>. Acesso em 05 fev 2022.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua. Acesso em 05 dez. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. 28ª edição. São Paulo: Editora Cutrix, 2012.

Sequestro na Ponte: Witzel comemora desfecho e diz que familiar de criminoso pediu desculpas. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 20 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/governador-do-rj-diz-que-prioridade-e-protecao-de-refens-em-sequestro-de-onibus.ghtml>. Acesso em 20 de out. 2020.

SOBRAL, Adail. As relações entre texto, discurso e gênero: uma análise ilustrativa. **Revista intercâmbio**, v. 17, p. 1-14, 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3570/2331#>. Acesso em 02 jan. 2021.

_____. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

GIACOMELLI, Karina; SOBRAL, Adail. Gêneros, marcas linguísticas e marcas enunciativas: uma análise discursiva. In: SOBRAL, Adail; SOUZA, Sweder (org).

Gêneros, entre o texto e o discurso – questões conceituais e metodológicas. São Paulo: Mercado de Letras, 2016.

____. A concepção dialógica e os dois planos da linguagem e a constituição do sujeito: algumas considerações. **Nonada**: Letras em Revista, Porto Alegre, RS, v. 1, n.24, p.204 – 223 jan-jun 2015. Disponível em: <https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=1174>. Acesso em 14 jan. 2021.

____. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v.18, n.2, p.3017 – 322, mai-ago, 2018. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6515/3870. Acesso em 15 jan. 2021

____. O sentido como um contínuo vir-a-ser: apontamentos bakhtinianos sobre linguagem e realidade. **Revista da Abralin**, v.18, n.1, p.02-29, 2019. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1331> . Acesso em 15 jan. 2021.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. 4 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

Testemunha diz que número de mortos no ‘Massacre do Carandiru’ é o dobro do divulgado. **O Globo**, 15/04/2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/testemunha-diz-que-numero-de-mortos-no-massacre-do-carandiru-o-dobro-do-divulgado-8114805>.

TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. O Dialogismo e a Paleontologia da Linguagem: o Círculo de Bakhtin na episteme soviética (1920-1930). **Conexão Letras**, Porto Alegre, v.1, n.1, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/55657/33831> . Acesso em:

VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação**. São Carlos, 2013.

____. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora, 34, 2017.

____. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.